

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARISA DOS SANTOS AMARAL

Leitura na escola: subjetividade docente e práticas pedagógicas

Campinas, SP

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARISA DOS SANTOS AMARAL

Leitura na escola: subjetividade docente e práticas pedagógicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Martins.

Campinas, SP

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Am13L Amaral, Marisa dos Santos, 1986-
 Leitura na escola: subjetividade docente e práticas
pedagógicas / Marisa dos Santos Amaral. – Campinas, SP:
[s.n.], 2013.

 Orientador: Maria do Carmo Martins.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

 1. Literatura. 2. Professores. 3. Infância. 4. Memória.
I. Martins, Maria do Carmo, 1964- II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

13-095-BFE

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria do Carmo Martins

Data da aprovação: ___/___/___

Prof. Ms. Getúlio Corrêa Chartier

Data da aprovação: ___/___/___

Agradeço a Deus por sua presença constante em minha vida e pela realização de mais uma etapa e dedico este trabalho a todos que torceram por mim e estiveram ao meu lado em diversos momentos.

Agradecimentos

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

(Antoine De Saint Exupéry, in “O Pequeno Príncipe)

Agradeço primeiramente a Deus por mais esta conquista e pela sua presença sempre constante em minha vida.

Agradeço minha família, em especial a meu irmão Ricardo, por sempre estar ao meu lado me apoiando e torcendo por mim, tenha certeza que valorizo e agradeço de todo coração tudo o que fez por nós!

Agradeço ao Luis Daniel, meu companheiro, sempre presente em várias conquistas! Obrigada por estes anos juntos apoiando-me e emprestando-me seu ombro para os bons e nem tão bons momentos assim...

Agradeço à Profa. Dra. Maria do Carmo Martins, minha orientadora durante este trabalho de conclusão de curso, por suas palavras sempre animadoras e pelo carinho e confiança com que me recebeu para a conclusão de mais uma etapa em minha vida!

Agradeço ao Prof. Ms. Getúlio Corrêa Chartier, segundo leitor deste trabalho, pela sua disponibilidade e colaboração com meu trabalho final.

Agradeço aos amigos que estiveram sempre presentes, torcendo pela realização de mais um objetivo, sendo impossível citar todos, para não correr o risco de esquecer alguém!

Agradeço aos amigos da Biblioteca Central – Coleções Especiais, funcionários, estagiários e bolsistas trabalho, que em meu primeiro ano de UNICAMP, me acolheram durante minha bolsa trabalho, me fazendo ganhar mais gosto pelo mundo da leitura, e em que a amizade resiste ao tempo e me permite fazer novas amizades!

Agradeço a toda equipe da Escola Estadual Artur Segurado, por me receberem sempre tão prontamente e pelo auxílio de sempre para a elaboração deste trabalho.

Aos professores que acreditaram que eu poderia cursar uma universidade pública, concretizando um dos maiores objetivos da minha vida!

E finalmente, agradeço aos professores desta universidade que acreditam em seus alunos e os auxiliam em seu crescimento pessoal e acadêmico.

De um grão, vêm cem colheitas

Em um coração, está um mundo inteiro contido.

(BROOKS, Geraldine. 2008, p. 391)

Na verdade, a leitura, é bem poético né, é um modo de você sair do seu contexto ali diário e viajar, né, viajar pelas palavras, acompanhar com seu imaginário. (Entrevista 2012, Professora 1)

Resumo

O presente trabalho é uma reflexão sobre as escolhas das práticas de leitura de professores, em uma escola pública de Campinas e, apresenta-se a partir das experiências de cada professor entrevistado acerca da literatura, dos livros infantis e concepções de infância e de memória das práticas pedagógicas. Surgiu de um interesse da pesquisadora, que durante os estágios curriculares para formação docente, remeteu-se constante às suas próprias experiências escolares. Sabendo que, durante sua infância não teve muitas oportunidades de leitura em ambiente escolar, mas, que, mesmo assim, em idade adulta procurou manter contato com a leitura e com seu universo de fantasia e conhecimento, tal trabalho busca conhecer outras formas de aproximação com as leituras, os livros e criar parâmetros para suas futuras práticas com os alunos.

Aluna de escola pública, procura aqui, encontrar as mudanças que vem acontecendo, e como a leitura vem se desenvolvendo e atingindo os alunos, na figura do professor, que expõe a partir de suas memórias como começou a gostar de ler, o que gosta de ler, o porque, e principalmente como se dá esta vivência pessoal levada a sala de aula revelando detalhes a partir de sua formação e sua caminhada profissional, a partir do olhar de Antonio Nóvoa que dá o alicerce deste trabalho.

Palavras – chave: Literatura, Professor, Infância e Memória

Sumário

Introdução	10
Primeiras impressões de interesse para este trabalho	16
Organização da pesquisa	18
Capítulo 1: Apresentação de nossas personagens principais	20
Capítulo 2: Da teoria à prática pedagógica	27
Capítulo 3: A subjetividade do Professor e a Prática Pedagógica	34
3.1 – Memória de leitura	35
3.2 – Práticas Pedagógicas	39
3.3 – Práticas de Leitura	41
3.4 – Materialidade do Suporte de Leitura	43
3.5 – Seletividade da Cultura	47
Conclusão	49
Referências Bibliográficas	51
Anexos	52

Introdução

O presente trabalho surgiu de minhas memórias como aluna de escola pública, sendo que nela não havia muitos momentos de leitura e tão pouco havia espaços reservados para isso. Com isso, das poucas vezes que aconteceu, guardei boas lembranças e uma grande vontade de que deveria ter havido mais oportunidades.

Em casa, mesmo que com livros didáticos que foram de meu irmão, algumas vezes, minha mãe lia para mim, não importava se fossem estórias curtas, lembro muito bem do "Eco" de Cecília Meireles, em que a leitura e o modo de ler davam vazão à interpretação. Imaginava mil coisas, como o eco realmente falando com o menino.

O primeiro livro que levei para casa para ser lido foi "João e o pé de feijão" enquanto eu estava na alfabetização e foi o único do primeiro ano escolar, mas foi algo tão marcante e importante para mim, ao ler a estória em casa ou com os colegas na escola, que me lembro de suas imagens, como as de João e sua mãe e o Gigante que à época, para mim, parecia muito estranho imaginar existir, mas as estórias tem justamente a função de nos levar a imaginar e criar.

A próxima lembrança que tenho é apenas na 2ª série na qual já li um livro maior, o qual tinha poucas imagens, mas cujo nome e história infelizmente esqueci, ou quando, na mesma 2ª série a professora nos pediu para levar alguma estória curta de casa para contar para a classe, e peguei de um livro antigo de escola do meu irmão chamado "Isto é aprender" de Terezinha de Melo Pereira (livro didático para 3ª série na década de 1980), uma estória divertida chamada "Uma conversa engraçada" do escritor Pedro Bloch.

Folheando este livro, há pouco tempo, pude lembrar ainda mais estórias e ver algumas atividades realizadas por meu irmão e também por mim, já que

constantemente ficava procurando exercícios que conseguiria fazer. Voltando às estórias, algumas, acredito, são bem conhecidas, como “A fada que tinha ideias” de Fernanda Lopes de Almeida, “O pato” de Vinícius de Moraes e não sei se muito conhecida, mas foi aí, que comecei a gostar muito de um escritor, Érico Veríssimo, a estória aqui é “A cidade errada”.

Do mais, não tenho mais lembranças de práticas pedagógicas voltadas para a leitura de ficção, tampouco me lembro de realizar roda para conversas com a professora e os outros alunos em sala de aula, embora gostasse bastante do ambiente escolar, do recreio mesmo muitas vezes sem lanche, era sim prazeroso brincar de roda-roda, correr no pátio de terra batida e aproveitar a sombra de algumas árvores que haviam por lá, e às sextas-feiras sair mais cedo.

Nos anos seguintes, já em outra escola bem maior que a anterior, que abrangia da 4ª série primária ao Ensino Médio, contando também com cursos técnicos, havia biblioteca, mas foram poucas as vezes que a frequentei, pois em sua maioria ficava fechada. Aos 12 anos, mudando de cidade, voltei para Amparo, cidade do interior de São Paulo e minha cidade natal, entrando na 6ª série do Ensino Fundamental. Nesta escola também estadual, chamada Escola Estadual Luiz Leite, cujo prédio possui 119 anos, sendo uma das mais antigas escolas do estado de São Paulo, havia uma biblioteca pequena e com uma quantidade relativamente menor de livros para uma escola centenária, porém que o coordenador em determinados dias da semana abria para escolhermos livros. Eu passei por lá algumas vezes e emprestei alguns livros, sempre relacionado a romances, em sua maioria, marcando assim a fase da adolescência.

De quando em quando pegava alguns livros emprestados com minha prima, sendo que um, ou melhor, dois me marcaram sobremaneira, “Clarissa” e “Música ao Longe”, ambos de Érico Veríssimo (autor que já citei anteriormente). “Música ao longe” é a continuação de Clarissa, jovem do interior que vai morar com a tia para estudar e que no segundo livro já é professora. Pouco tempo depois comecei a trabalhar, aos 15 anos e abri minha primeira ficha na Biblioteca Municipal de minha cidade, passando assim a retirar alguns livros de vez em

quando, já que era trajeto meu para o trabalho, isso em 2001, como Guarda Mirim, na qual permaneci até meus 18 anos, em 2004. Permaneci com o hábito, mesmo saindo da “Guardinha”, mas agora focando em livros para o vestibular.

Assim, foi minha história com a leitura e que se intercala com minha carreira até o presente momento, por enquanto como agente de educação infantil no município de Campinas, mas em breve como professora que tentará levar a literatura de alguma maneira à sala de aula, procurando atingir de alguma forma os alunos a fim de passar a eles esta minha paixão pela leitura e que realmente me faz viajar e imaginar as cenas, os ambientes e aromas existentes no livro.

Em meus estágios, tanto extracurricular, como obrigatório, pude ter impressões referente à leitura por parte das professoras, e isto me motivou a realizar minha pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso. Quis assim, saber as histórias destes professores, o que os leva a utilizar a literatura em sala de aula, quais seus critérios na utilização desta ferramenta tão importante em seu trabalho e mesmo quais são suas histórias e impressões mais importantes referentes aos livros e seu universo, quais tipos de texto são trabalhados e o porquê, e de que maneira chegam às práticas.

Com as respostas alcançadas, por meio de entrevistas, minha intenção aqui é perceber se este professor está se utilizando da leitura para que seus alunos sejam mais participantes em suas aulas e mais críticos em relação a seu dia a dia.

Para isso, escolhi a escola em que realizei meu estágio obrigatório em ensino fundamental no ano de 2011, para a disciplina EP 376 – “Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Nesta escola mantive uma relação de afeição, seja pelo motivo de ter sido muito bem recebida no ano em que lá estive, seja pela relação de respeito que mantive com os professores da mesma.

Considero importante localizar um pouco a história da escola, por perceber que ela, em sua antiguidade e historicidade acaba também por influenciar esta receptividade com os estagiários e pesquisadores, ao mesmo tempo em que

marca a lembrança dos professores. Utilizo-me do trabalho de conclusão de curso de Elizabeth Carmonário (2008), estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, para me pautar e descrever a história da escola, a ser apresentada nas próximas linhas. Seu trabalho privilegiou a análise do acervo escolar da Escola Estadual Artur Segurado, assim como seus arquivos revelando importantes informações sobre a história desta escola que segue nas próximas linhas.

A escola que hoje se denomina Escola Estadual Artur Segurado, foi o 3º Grupo Escolar de Campinas, criado em 17 de maio de 1910, à partir da necessidade que surgia de um novo estabelecimento educacional a fim de atender a demanda e a falta de vagas nos grupos escolares já existentes, o Grupo Escolar Francisco Glicério e o Grupo Escolar Dr. Quirino dos Santos, principalmente focada em atender as necessidades econômicas que irrompiam. Conforme Carmonário (2008):

As condições que deram existência ao 3o Grupo Escolar de Campinas foram postas pelo projeto republicano de difusão da escola pública primária (no Estado de São Paulo através da lei nº 169, de 7 de agosto de 1893), e também pela emergência de atendimento à crescente demanda por vagas deflagrada, em parte, pelo intenso ritmo de recuperação do setor econômico que vinha se verificando na região de Campinas imediatamente após o flagelo causado pelo surto epidêmico de febre amarela nos últimos anos do século XIX. (p. 48)

Inicialmente, o Grupo Escolar instalou-se em um prédio alugado, sito à Rua Barreto Leme, nº 14, vindo a ganhar prédio próprio apenas em 1959, quando houve a transferência de “um terreno da Secretaria de Agricultura para a Secretaria da Educação, para nele ser construído um edifício escolar para a instalação permanente do Grupo Escolar Arthur Segurado.

Em 24 de março de 1959, o GE iniciava o ano letivo nas dependências do novo prédio escolar de dois pavimentos, localizado à Avenida Brasil, s/n (hoje, nº 2080), num terreno que havia pertencido à fazenda Santa Elisa, no bairro Vila Nova, uma região ainda em estágio embrionário nos projetos de urbanização da cidade de Campinas. O ponto de referência

mais próximo era a Escola Preparatória de Cadetes do Exército, instalada também em 1959. (idem, p. 62)

Sua denominação, entretanto, alterou-se em 1939, ocasião em que outros grupos escolares foram renomeados na cidade. De 3º Grupo Escolar de Campinas, para Grupo Escolar “Arthur Segurado”, em homenagem a seu primeiro diretor, Arthur Victor de Azevedo Segurado, professor formado pela Escola Normal de São Paulo. Em 1976, dadas as alterações do sistema de ensino, foi novamente alterada sua nomenclatura, passando a chamar-se Escola Estadual de 1º Grau Artur Segurado (assim mesmo, modificando a grafia, segundo Carmonário, 2008)

Após inúmeras mudanças que ocorreram em seu interior, inclusive a partir de leis e decretos que visavam regulamentar o ensino primário e secundário e seus devidos tempos de duração, em 1996, houve mais uma alteração, desta vez referente ao remanejamento de classes de 5º a 8º séries, segundo Carmonário:

(...) em 1996, na gestão do governador Mario Covas, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo implantou através do Decreto n. 40.473/95 o Programa de Reorganização das Escolas da Rede Pública Estadual, lançando o plano “Mudar para Melhorar: Uma escola para a criança, outra para o adolescente”. Dessa forma, a Escola Estadual de 1º Grau “Artur Segurado” passou a atender apenas as classes de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, recebendo alunos da Escola Estadual de 1o Grau “Aníbal de Freitas”, e remanejando para lá não apenas as classes de 5ª a 8ª séries, mas também os materiais didáticos utilizados em várias disciplinas, as bibliotecas que não mais usariam e, conseqüentemente, uma parte de sua história. (Carmonário, 2008, p. 66)

E finalmente em 1998, a escola recebeu o nome que tem hoje, a partir de um parecer do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo, no qual deveria receber a nomenclatura Escola Estadual e o nome de seu patrono, mudando assim para Escola Estadual Artur Segurado. (Carmonário, 2008).



Figura 1: Fachada externa E.E. Artur Segurado em 2013.

A escola continua localizada na Avenida Brasil, nº 2080, Jardim Brasil e durante o semestre em que foram realizadas as observações e entrevistas, sendo as informações fornecidas pela coordenadora pedagógica. A escola atendia a 496 alunos de diferentes regiões da cidade nos períodos matutino e vespertino, sendo 4 salas de 1º ano, 4 salas de 2º ano, 3 salas de 3º ano, 3 salas de 4º anos e 4 salas de 5º ano e duas salas de recursos, sendo composta ainda por 23 professores, sendo 2 de Educação Física, 2 de Artes (neste caso, umas das professoras do ensino regular também trabalha com a disciplina de artes) e 2 professoras de recurso.



Figura 2: Fachada interna E.E. Artur Segurado em 2013.

Em relação à construção, a escola conta com 9 salas de aula, 1 biblioteca que estava sendo organizada, 1 diretoria, 1 sala coordenação pedagógica, 1 secretaria, 1 sala de professores, 1 sala de informática que à época estava sendo reformada, 1, brinquedoteca pequena, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala de recurso, 1 quadra, 2 banheiros para os alunos (feminino e masculino) e 2 banheiros para os professores (feminino e masculino), 1 almoxarifado pequeno de materiais escolares, 1 cantina pequena utilizada para venda de lanche escolar, 1 barracão em que pretendia-se transformar em um laboratório de ciências, estacionamento e pátio.

Primeiras impressões de interesse para este trabalho

Na época em que o estágio foi realizado, em 2011, me chamou bastante a atenção a biblioteca da escola, a qual se encontrava bastante descuidada e em que os alunos não tinham acesso, os livros apesar de boa qualidade encontrava-

se esquecidos e descuidados. A única forma de leitura eram bibliotecas de classe, dependendo do professor de cada sala.

Na sala em que foi realizado o estágio, a professora lia algumas vezes por semana, sendo que ela pesquisava livros e ia até a biblioteca à busca de histórias interessantes para as crianças. Em outras salas, mesmo não sendo a que eu estava fazendo estágio sempre via as professoras lendo para as crianças, em momentos que eu passava, já que a maioria deixava as portas abertas, pude perceber assim que a leitura era parte integrante das aulas das crianças. Em uma de minhas visitas, a professora com quem fiquei falou para eu visitar a sala de outra professora também de 1º ano para ouvi-la contar a história para a classe dela, esta professora é conhecida na escola pelo modo como lê a seus alunos, e realmente é contagiante, as crianças sem grande esforço de sua parte a escutavam com os olhos brilhantes, realmente como quem espera por aquele momento.

Voltando à sala da professora a qual foi realizada a observação no estágio, as crianças constantemente retiravam livros e gibis na biblioteca de sala, que na verdade era uma caixa de plástico, com materiais que poderiam interessar às crianças. Uma das crianças da turma brigava bastante com as outras, mas era muito esperta, já estava alfabética. Ela ajudava as outras crianças nas atividades porque já havia terminado antes de todos e sempre pegava gibis ou livros na caixa de livros da sala e ficava lendo esperando por outra atividade.

Neste retorno à escola para realização das entrevistas para meu trabalho de conclusão de curso, em 2012, muitas mudanças aconteceram, a escola foi toda pintada ficando muito mais atrativa, a sala dos professores está muito mais acolhedora e a biblioteca recebendo mudanças, prateleiras novas, recebimento de novos livros, manutenção de outros móveis, além da reforma do laboratório de informática.

Analisando o acervo, foi possível perceber que existem livros de boa qualidade tanto física quanto de obras, tendo encontrado livros de autores

consagrados na literatura, como Clarice Lispector, Pedro Bandeira e Mário Quintana. Para minha curiosidade encontrei também gibis novos atuais, tanto da Turma da Mônica Infantil como Turma da Mônica Jovem, mas que por ora estavam sendo organizados.

Em visita a algumas salas, conversei com as professoras e até com os alunos que confirmaram fazer uso dos livros, gibis e revistas Recreio enviadas pelo Estado. Cada professora tem seu modo de expor o material em sua sala, sendo que na primeira sala foi encontrada uma daquelas estantes de exposição comercial, em que são colocadas revistas em pé, com a capa exposta, sendo fácil e acessível o acesso das crianças. Já na segunda sala, a professora deixa em uma mesa do lado do armário, empilhados e, na última sala pela qual passei, a professora deixa em uma caixa de plástico, mas de maneira bem organizada e fácil também de os alunos manipularem seu conteúdo.

Em conversa com a coordenadora e diretora, soube que pretendiam instalar na escola um laboratório de biologia e um espaço para artes em um barracão que já estava sendo limpo e que aos poucos, pretende-se comprar móveis e materiais para seu uso.

Organização da pesquisa

Como já foi anunciado, durante a pesquisa foi necessário e importante saber a trajetória destas professoras e a relação que elas possuem com a literatura, os motivos pelos quais leem para seus alunos. Importante também conhecer um pouco suas crenças pedagógicas, porquê e o quê elas acreditam que a leitura possa trazer para as crianças e, no quê a leitura pode ajudá-las nesta fase tão importante de suas vidas, principalmente pautando-me na trajetória de vida, formação e carreira destas profissionais.

Quanto à estruturação do presente trabalho, a introdução apresentou a escola e sua história, visando dar a meus interlocutores elementos para o entendimento do que discorrerá a seguir.

No capítulo I, será realizada uma apresentação de nossas personagens principais, as 4 professoras que participaram da pesquisa, contando um pouco de sua trajetória e tempo de dedicação à docência.

No capítulo II, realizar-se-à a contextualização sobre o tema, entrando assim a bibliografia e os autores que me ajudaram a pensar sobre a leitura aliada à prática pedagógica dialogando com as entrevistadas.

No capítulo III, há uma divisão de categorias de análise nas quais serão elencados subtemas: memória de leitura, práticas pedagógicas, práticas de leitura, materialidade do suporte de leitura e seletividade da cultura.

Finalmente, na Conclusão será realizada uma breve análise sobre o período da pesquisa e as impressões que tive destas vivências, visando aliar bibliografia e a realidade.

Capítulo 1: Uma apresentação de nossas personagens principais

“Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.”

(NÓVOA, 2007, P.17)

No contato com a escola apresentada para realização do presente trabalho houve um interesse muito grande por parte das professoras em saber como se daria a dinâmica deste trabalho e qual a sua participação no mesmo. Esta mediação só foi possível devido à colaboração da Coordenadora Pedagógica que prontamente se disponibilizou a auxiliar, primeiramente conversando com o corpo docente e depois mediando as entrevistas devido aos horários de aula.

Com Nóvoa (2007), é questionado como cada professor se tornou professor e o que acredita que poderá mudar com seu modo de trabalhar e os conteúdos que trabalha:

“Como é que cada um se tornou no professor que é hoje? E porquê? De que forma a acção pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor? As respostas levar-nos-iam longe demais.” (Nóvoa, 2007, p.16)

Para Nóvoa, são três as palavras que sustentam a formação da identidade destes professores: “adesão a princípios e a valores” (Nóvoa, 2007, p. 16), acção que retrata nossa forma de desenvolver nosso trabalho, trazendo uma mescla de nosso pessoal e profissional e finalmente a autoconsciência, ou seja, nossa análise sobre nosso trabalho.

As professoras entrevistadas trouxeram ao longo de suas entrevistas diversos aspectos evocados por Nóvoa, seja no modo de preparação de suas aulas, seja no momento de aplicação do conteúdo planejado e finalmente no momento em que analisam o que ocorreu em sala de aula, como ocorreu com

uma das entrevistadas que relatou que determinado conteúdo que havia trabalhado com sua turma e em determinado momento foi lembrado anos depois por um de seus alunos com outra professora. Deste modo, trago em Goodson (2007) o fato de que a vida dos professores e suas histórias fascinam e necessitam ser percebidas:

“Comecei a reflectir que, para mim, as pessoas que cantavam as canções eram mais importantes do que as próprias canções. A canção é apenas uma pequena parte da vida do cantor e a vida foi sempre algo fascinante. Não poderia compreender as canções sem saber alguma coisa sobre a vida do cantor, o que não parecia aplicar-se ao caso da maior parte dos etnólogos. Sentem-se felizes por encontrar material que se adapte a um critério preconcebido e ficam por aí. Eu necessitava de saber o que as pessoas pensavam acerca das canções, que papel desempenhavam na sua vida e na vida da comunidade.” (Goodson, 2007, p.66)

Infelizmente, não consegui realizar a entrevista com todas as professoras da escola, justamente pela grande quantidade de profissionais, o que foi inviável em decorrência do tempo de transcrição das entrevistas e o pouco tempo que me sobrava, porém, acredito que teria sido muito mais rica a pesquisa contribuindo com mais elementos que me permitissem uma melhor visualização de elementos referentes à literatura e à subjetividade docente. Mas, a opção narrativa deste trabalho permite visualizar, com um recorte, algum padrão destes trabalhos pedagógicos e das histórias de formação, que será trabalhado em categorias de análise mais à frente. A seleção das professoras ocorreu também em função da disponibilidade delas em participar da pesquisa.

Optei por manter suas identidades preservadas, garantindo direito ao sigilo das entrevistadas e descrevendo cada uma delas a partir de informações colhidas permitindo-nos conhecer sua formação e trajetória a partir de suas respostas nas entrevistas e articulando assim com os autores escolhidos para este capítulo, trazendo assim embasamento teórico acerca das vivências construídas por elas e principalmente por mim durante o desenvolvimento desta pesquisa. Desta forma, asseguramos princípios éticos reiterados no compromisso assumido pelo contato

inicial e, me permite que elas se reconheçam, ao fazer para a elas a devolução do trabalho. Além disso, o trabalho não se propõe a qualquer avaliação do trabalho, ou questionamento da qualidade do trabalho realizado por elas. Por se tratarem de experiências narradas por elas, o que interessa é mais conhecer como se manifestam do que fazer uma análise discursiva. É o princípio do diálogo com as fontes que movem a minha pesquisa e que Goodson (2007) vem para dialogar:

“Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este facto surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes.” [Goodson, 2007, p. 71]

Para tanto, a voz das professoras, aqui passa a ser ouvida, a partir de sua formação e aliada ao seu pessoal que reflete em seu profissional. Cada entrevistada a seguir possui uma história de vida e uma trajetória, que devem ser percebidas e valorizadas.

A professora 1 possui mais de 20 anos de formação e trabalho docente. Trabalha em duas escolas e estava para se aposentar na época da entrevista, possuindo formação em pedagogia.

A professora 2, formou-se em Pedagogia na década de 1990 e trabalha em duas escola públicas, como relata em sua entrevista:

“Na faculdade, como eu falei, a leitura foi bem informativa, eu não tinha conhecimento na área de pedagogia, que foi a faculdade que eu fiz” [Entrevista, 2012, Professora 2]

A professora 3 é formada em Pedagogia, porém iniciou na escola no ano da pesquisa, relata que já chegou a levar uma biblioteca ambulante pois em várias escolas que trabalhou não havia possibilidade do uso da biblioteca.

A professora 4 é formada em Pedagogia, e conforme sua entrevista:

“Eu me formei, em 82, 83, faz tanto tempo que já eu nem lembro, foi em 83. Trabalhei até 96, eu trabalhei no magistério, depois eu fui pra parte administrativa, trabalhei 13 anos na diretoria de ensino, voltei em 2010, e quando eu voltei tinha mudado tudo.”[Entrevista, 2012, Professora 4]

Assim, sendo, são quatro professoras, quatro histórias que ora se mesclam, ora se divergem, e que se defrontam com diversas histórias de vida e rumos diferentes em sua trajetória, mas que em seu ambiente de trabalho procuram proporcionar de alguma forma um ambiente que desenvolva em seus alunos autonomia e criticidade.

Assumindo a tese da constituição recíproca entre o eu pessoal e o eu profissional, numerosos estudos buscaram traçar nas histórias de vida as maneiras como cada uma se sente e se diz professora e como as foi construindo, entre modos distintos e conflitantes de encarar a profissão docente, nas diversas etapas da carreira. [Fontana, 2000, p. 46]

A partir de Nóvoa (2007), Fontana (2000) e Goodson (2007), que são os principais autores trabalhados, pode-se entender a partir de suas memórias, tanto de escolarização, quanto de profissionalização, o que os leva a ser o professor ou a professora que são hoje, suas atitudes e práticas escolares. A concepção de história de vida, neste caso, perpassa não a cobertura completa de suas vivências, mas a memória dos acontecimentos mais marcantes que elas contam, ao serem questionadas. Diferente do trabalho de história oral, o que se pretende é conhecer como falam de si e como articulam suas experiências com a constituição de suas experiências profissionais. E principalmente qual a importância de sua profissão a seu ver.

Em suas falas, as professoras citaram o compromisso com o magistério e sua responsabilidade com a educação de seus alunos, preocupação, não só ao preparar as aulas ou ministrá-las, mas principalmente em relação ao ouvi-los e motivá-los a aprender, fazer com que eles aprendessem a buscar o conhecimento.

Passamos 4 ou 5 anos nos bancos da faculdade, estudando teorias da psicologia, sociologia, filosofia entre outras tantas e de igual importância e valor, e há quem diga, que a formação em Pedagogia é teórica demais, mas ao dialogar com estas professoras percebi que a teoria encontra-se na fala e na prática de cada uma, cada qual a seu modo, mas está ali presente, representando sua prática, mesmo que elas não percebam. Importante também ressaltar que aquelas que possuem uma proximidade teórica reconhecem sua prática e procuram transformá-la, avaliando seus erros, comemorando seus acertos e trocando experiências.

“(…) acho que quando o professor é consciente, quando ele estuda, quando ele procura se empenhar naquilo que ele tá fazendo e entender um pouco desse universo, você consegue criar formas de você trabalhar e atingir todos, né. Independente, de, como eu falei, de grau, de nível social, de qualquer coisa. Você atinge a criança, porque ela tem o conhecimento dela. E a gente subestima, “Ah, é família pobre, ela não vai conhecer isso”, conhece, e conhece às vezes muito mais do que a gente. Eu tenho um aluno aqui, que segunda-feira, ele pegou um livro e começou a falar pra mim, você conhece a diferença entre o jabuti e a tartaruga, eu falei não, aí ele falou, um tem nadadeira e o outro tem pata, um vive na água e o outro não vive. Falei, onde você aprendeu isso, aí ele, Ah, eu tava lendo no livro aqui, e realmente ele tava com um livrinho. Depois ele falou pra mim assim, você sabe a diferença entre um burro e um cavalo? Eu falei não, um tem o rabo mais comprido do que o outro. E é um aluno, que os pais, é uma família pobre, que mora numa comunidade, numa comunidade pobre, mas é um aluno que tem interesse, ele dá um show, cada vez que ele resolve falar sobre um assunto, e ele, ele vai atrás, ele pesquisa, e o vocabulário dele é um vocabulário muito bom. Ontem, foi até interessante, que eu falei, matar, e ele falou assim: não, é sacrificar! Então, é assim, você pergunta pra ele, de onde você tirou isso, eu li, mas que livro, ah, aquele que você me deu. Então, às vezes, a gente tá fazendo as coisas, né, e a gente não percebe, exatamente o que a gente tá fazendo (...)” [Entrevista, 2012, Professora 4]

O papel do professor mediador se mostra mais uma vez presente e importante na vida dos alunos, aproximando-os da professora e tornando-os

capazes de refletir o que estão lendo, estudando e compartilhando, assim como a valorização deste aluno, que, apesar de estereotipado, é aqui valorizado em seus conhecimentos já construídos e visto como capaz de aprender e produzir conhecimento.

“(...) então, eu acho que é assim, é uma união do gostar do que faz, a responsabilidade em cima daquilo que você tá fazendo, e não subestimar a criança não, não achar assim, ah, porque eles são de uma comunidade, ou porque os pais são analfabetos, ou porque os pais não tão nem aí com a criança, por isso não vai. São essas crianças, que parece que produzem muito mais, porque quando elas percebem que, o quanto estudar vai ser importante na vida delas, isso desperta um interesse muito grande. E eu tive essa experiência já, esse é o terceiro ano, e a gente percebe isso, ano passado eu tinha um aluno que não sabia ler, não sabia escrever nada. A mãe era a única pessoa na casa que era alfabetizada, o pai analfabeto, então, ele chegava e fazia a lição do que jeito que ele sabia, como ele achava que era. Ele ia dormir, meia-noite, a mãe chegava, acordava o menino, se tivesse alguma coisa, ela corrigia com ele e ele ia dormir. Em 3 meses, esse menino aprendeu a ler, sabe, aí ele foi ajudando o pai, ensinando. E é assim, a gente vê casos, assim, que deixam você boquiaberta, né. Às vezes, até eu pergunto, onde é que você aprendeu isso, e eles falam, com você! Então, é gostoso, e a gente não tem outra forma de fazer isso se não for com a leitura, eu reaprendi a dar aula assim, tá.” [Entrevista, 2012, Professora 4]

No que tange às entrevistas, foram realizadas durante o segundo semestre de 2012 e estabeleceram-se mais em um tom de relato, do que de entrevista em si, permitindo às entrevistadas sentirem-se mais à vontade, no entanto, a pesquisadora procurou manter-se neutra, entrando somente quando necessário a fim de buscar mais elementos que permitissem concluir a entrevista de forma mais elaborada, no entanto, embora fosse mais interessante um relato extenso que permitisse mais dados para a pesquisa, não foi cobrado das entrevistadas um maior tempo de entrevista, haja vista, o período da educação física ser utilizado na maioria das vezes para que as professoras organizassem sua rotina, os relatos duraram de 4 a 25 minutos, dependendo da professora, como por exemplo a

professora 4, que é mais falante e vai construindo uma linearidade de sua história, não que as outras não tenham feito isso, mas a espontaneidade desta professora em especial nos trouxe diversos elementos à pesquisa.

O encontro com as professoras se deu nos horários das aulas de Educação Física, tendo como principal ambiente para entrevista, a biblioteca, ou a sala de aula, em um dos casos em que a biblioteca estava sendo utilizada por outra turma.

Capítulo 2: Da teoria à prática pedagógica

Inicialmente o interesse para a realização desta pesquisa em campo, foi a possibilidade de aliar a teoria e a prática pedagógica, a fim de descobrir como cada professor trabalha com a literatura em sala de aula e, principalmente o que cada profissional acredita transmitir quando expõe tal conteúdo. Tal aliança refere-se ao cotidiano, em que ao professor cabe refletir sobre sua formação, a teoria, e que necessita aliar à sua realidade, transformando-a em sua prática pedagógica. Aliado a isso, venho também com a indagação sobre sua história de vida, e o que levou cada um a ver a literatura de tal maneira.

O que a história de vida dessas professoras traz e como se mescla ao seu profissional? Qual a importância da literatura para ele? Qual a importância de transmitir a literatura aos seus alunos? Quais as práticas pedagógicas que este professor adota?

Várias questões tomam conta desta pesquisa, porém, não há a intenção aqui de responder a todas as perguntas necessariamente na ordem em que foram colocadas, elas estão em plena elaboração durante o trabalho e sofrendo mudanças constantes de acordo com a bibliografia e com as entrevistas.

Nóvoa (2007) nos traz uma provocação acerca da ação e o saber dos professores, que refletem sobre as 'decisões do foro profissional e do foro pessoal' (Nóvoa, 2007, p. 16), e que gratamente veio ao encontro com uma das entrevistas realizadas, na qual, a professora 4, em uma de suas falas, faz justamente a mesma pergunta que Nóvoa nos faz acerca das práticas escolares, "Por que é que fazemos o que fazemos na sala de aula?" (Nóvoa, 2007, p.16).

Respondendo a pergunta, a professora 4 revela que, depois de alguns anos trabalhando no mesmo lugar, percebeu, que algumas atitudes que adotou em determinado momento, puderam ser vistas posteriormente junto a outras

professoras em séries seguintes e em que viu que seu trabalho realizado a algum tempo, materializando-se naquele momento. Sua concepção é assentada na experiência, mostrando que acreditava que parte de suas práticas estavam legitimadas ao percebê-las também em outras colegas.

“Uma vez, uma professora, me falou uma coisa, que a gente aprende a dar aula depois de 10 anos que você tá dando aula, Então, assim, antes disso, você vai fazendo, você vai na tentativa e erro, depois é que você começa a entender porque é que você faz aquilo, o quanto aquilo significa, principalmente, quando você fica numa escola um tempo, em que você vê esse grupo avançar, e você vê aquilo que você trabalhou, lá na frente, o resultado, porque às vezes a gente trabalha alguma coisa e você fala, Ai, fiz besteira, não devia ter dado isso e tal. Quando chega lá na frente, ele responde uma coisa pra outro professor, e o professor vem argumentar pra você, “Olha, o fulano, falou que quando estava com você lá no 1º, 2º ano, você ensinou isso”, então é interessante, é gostoso. Então, eu acho, é assim, tudo vai da experiência que a você tem, que as pessoas acham que a gente dá aula, na realidade, a gente não dá aula, a gente aprende muito mais do que dá. (Entrevista, 2012, Professora 4)

Para a compreensão da prática pedagógica e teoria, a história vem nos auxiliar com elementos que permitem entender as mudanças ocorridas ao longo do tempo e o porquê do ensinar de determinadas maneiras, como vem acontecendo ao longo dos séculos.

De acordo com Chartier (2008) e Hébrard (1999), vemos que o livro nem sempre foi algo tão acessível e próximo de seus interlocutores, como vemos hoje. O percurso da alfabetização possui quatro grandes momentos que foram construídos ao longo de séculos, saber ler, saber ler-escrever-contar, adquirir conhecimentos elementares da cultura escrita e dominar a cultura escrita da escolarização primária. Tal percurso passou desde a simples memorização até a necessidade de entender o que se está lendo, passando assim por diversos métodos, concepções e também por diversas fases históricas, em que ora a educação confunde-se com a religião, ora esta é omitida a partir da separação

entre ciência e religião, passando a responsabilidade desta última unicamente à família ou a igreja, tornando a educação laica.

Ângela Kleiman (2005), em seu artigo, “Preciso “ensinar” o letramento?”, nos fala sobre as diferentes formas de ler, exemplificando, diferentes pessoas podem estar com o mesmo texto, mas ler de maneiras diferentes, entrando em configuração três elementos importantes à leitura: os participantes, seus objetivos, seus modos de ler (Kleiman, 2005, p. 28). Desta forma, as pessoas darão significado e importância diversificada ao que leem.

Os modos de ler, em consequência disso, serão também diferentes. Quando se lê com o objetivo didático de selecionar textos e quando se lê com a finalidade única de ficar informado, ainda que para participar da grande “fofoca global” que o jornal oferece ao leitor, escolhem-se textos diferentes e utilizam-se diferentes **estratégias de leitura**.

Disso podemos tirar uma conclusão importante para o ensino: quando mudam os objetivos, mudam também as estratégias de leitura. [Kleiman, p.28]

Em Bakhtin, encontramos a linguagem como mediadora da atividade humana e que é utilizada por diferentes grupos.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. [...] [Bakhtin, 2003, p. 261]

Para tanto, Kleiman (2005) afirma a necessidade de entender as funções que o grupo dará à linguagem e qual a inserção desta no meio dos alunos, estabelecendo um trabalho político e também didático-pedagógico, já que um está atrelado ao outro.

[...] O primeiro passo é descobrir quais são as funções da língua escrita no grupo e criar novas e relevantes funções para a inserção plena dos alunos e seu grupo social no mundo da escrita. O trabalho é essencialmente político, mas não deixa por isso de ser didático-pedagógico. [Kleiman, 2005, p.52]

Como pode ser constatado pela fala da professora 4 na entrevista, o fato de não restringir o que será trabalhado denota um posicionamento que permite a ela e a sua classe descobrir as funções da língua escrita mais relevantes ao desenvolvimento do grupo, exemplificando claramente o que a autora afirma.

[...] independente do grupo que você tá trabalhando, você não começa a restringir, a colocar obstáculos, né, porque você vê muito assim, ah, não vou trabalhar isso com a minha turma, porque é uma turma pobre, não tem acesso a isso, acho que não pode levar pra esse lado, independente de ser leitura ou não, você tem que trabalhar e trabalhar, joga e vê o que vai dar, pra ver o retorno que aquilo vai te dar, e em cima daquilo você vai trabalhar. Mas que é importante, a gente trabalhar com leitura, com as crianças e todo tipo de leitura, eu acho importante eles terem acesso a tudo. Que nem esse meu primeiro ano, eu sei já até um pouco do que eu precisava trabalhar com eles, em junho eles já tinham completado todo o 1º ano, eu já entrei na matéria do 2º e se for ver eu já tô chegando no final do 2º ano com eles, porque eles já fazem texto, eles já fazem frase, eles já saber ler e interpretar um texto, já trabalhamos receita, já trabalhamos não só a receita culinária, já trabalhei outros tipos de receitas com eles, contos, é... tudo que apareceu eu fui trabalhando, e eu fui trabalhando de acordo com o que eles foram trazendo [...]
[Entrevista, 2012, Professora 4]

Para Kleiman (2005), (...) focalizar o que o grupo sabe em vez daquilo que não sabe é uma tarefa de ordem política (Kleiman, p. 52), sendo importante conhecer o que o mesmo é capaz, e complementando com o que a professora diz: “não colocar obstáculos”. Como vimos, esta professora em especial, associa bastante as questões de trabalho com a leitura, às condições sociais dos alunos,

ênfatizando o aluno como construtor de seu conhecimento, tentando fazer que ele entenda e aprenda autonomamente.

Em outra fala a mesma Professora 4, afirma preferir que a leitura seja realizada pelos seus pr3prios alunos, dadas as possibilidades de compartilhamento e aprendizagem.

“Pras crianas, assim, eu gosto mais que eles leiam, do que eu ler pra eles, porque, embora eu seja falante, eu n3o sou teatral, ent3o eu n3o consigo, 3 ler e fazer. Eu sei, que os pequenininhos, assim eles prestam aten3o, porque eles querem saber o final, e tal, Mas acho que pra voc3 ler e pra criana, voc3 precisa ser meio teatral, e eu n3o tenho essa capacidade, e eu gosto quando algu3m conta uma hist3ria, e eu fico admirada, eu falo nossa, eu gostaria de fazer isso, mas eu at3 tento, mas eu me sinto rid3cula, n3o consigo fazer, ent3o assim eu leio pras crianas, porque eu tenho que ler, porque 3 uma obriga3o da gente, mas eu gosto mais quando eles aprendem a ler, porque eles leem pra gente e contam pros colegas e 3 gostoso tamb3m, 3 uma satisfa3o de voc3 ver eles descobrindo aquilo, acho que 3 uma satisfa3o maior do que voc3 ler pra eles e ver eles prestando aten3o, acho mais interessante.” [Entrevista, 2012, Professora 4]

Percebe-se tamb3m que os gostos pessoais influenciam sobremaneira os alunos, no caso da Professora 3, na fase em que gostava dos livros da Ruth Rocha, seus alunos gostavam muito desta autora tamb3m, por3m ressalta sobre a necessidade de um aparato por parte da escola, ou seja, sobre a necessidade da biblioteca escolar em uso e organizada, j3 que em sua experi3ncia encontrou v3rios livros encaixotados e sem uso.

[...] de uma certa maneira chama muito a minha aten3o principalmente, e eu tenho alunos que gostam muito disso, como eu j3 tive uma fase da minha vida, que eu gostava muito da Ruth Rocha, e eu tinha alunos que amavam Ruth Rocha, n3o que eu n3o goste hoje, s3 que depende do lugar que voc3 trabalha n3o tem todos esses aparatos, ent3o, voc3 fica sem ch3o, porque o livro 3 um ch3o. Eu j3 cheguei a ter uma biblioteca ambulante, eu ia pra determinada escola, que n3o tinha

uma biblioteca, todos os livros encaixotados, então eu levava uma biblioteca ambulante, e fiz isso por algum tempo, e olha eu não sei hoje se tá esse mesmo esquema, livros encaixotados, quer dizer... [...]
[Entrevista, 2012, Professora 3]

Goodson vem dialogar com as entrevistas e com este capítulo, em especial, nos dizendo que o estudo de vida dos professores vem nos ajudar a entender o indivíduo de acordo com sua história e explicar determinadas escolhas tomadas por ele.

“Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. “Histórias de vida” das escolas, de disciplinas e da profissão docente proporcionariam um contexto fundamental. A incidência inicial sobre as vidas dos professores reconceptualizaria, por assim dizer, os nossos estudos sobre escolaridade e currículo.” [Goodson, 2007, p. 75]

Neste contexto, a professora que levava a biblioteca ambulante às escolas sem livros para serem usados mostra claramente um exemplo de contingência enfrentado por ela, que frente a esta condição precisou tomar uma atitude e fazer sua escolha de trabalhar ou não a literatura com livros com os quais seus alunos pudessem manusear e entrar em contato com o universo da literatura, assim como a professora 4, que tem por preferência que seus alunos leiam e construam a aproximação deles com a leitura. Goodson, vem justamente apoiar as falas das professoras, já que a história de vida das mesmas, traz referenciais que as possibilitam acreditar que a leitura possui um importância para seus alunos, e revela suas escolhas e o modo como lidam com os problemas diários em sala de aula e na escola.

Percebe-se aqui que o professor possui grande influência sobre seus alunos, principalmente a partir do momento em que planeja o conteúdo que será dado a seus alunos e o modo como será ensinado, haja vista, pensar também se deixará seu aluno colocar-se e questionar a fim de surgirem novos temas a serem

abordados, transformando o aluno em também produtor de conhecimento e indivíduo autônomo.

Capítulo 3: A subjetividade do Professor e a Prática Pedagógica

O trabalho da pesquisa, não correu apenas com a aproximação com as professoras por meio de entrevistas. Foram realizadas também algumas observações de seus trabalhos com a leitura em classe. Depois de escolhida a escola, chegou o momento da primeira visita, para solicitação de autorização para a pesquisa. Meu primeiro encontro, após aproximadamente um ano de finalização dos estágios, foi com a nova coordenadora, que após, exposição do tema, apreciou bastante, e ficou de conversar com o corpo docente, sendo assim, marcamos uma visita, para a semana seguinte.

No retorno foi conversado sobre a autorização e também, sobre os dias em que seriam realizadas as visitas à escola, bem como procederíamos para a realização das entrevistas, o que deixamos para os dias da Educação Física, nos quais as professoras não precisavam ficar em quadra com as crianças e assim facilitaria para a gravação das mesmas. Ficou comprometido, também da parte da pesquisadora, um retorno à escola referente ao trabalho final, para que a escola pudesse obter informações importantes à sua equipe acerca do trabalho.

Foi assim que, nesse dia, foi realizada a primeira visita a uma das salas, ainda não realizando entrevista em forma de gravação, apenas observei o momento de leitura. A sala, ainda inicial, havia acabado de realizar uma atividade, e a professora, que já havia escolhido os livros da semana, que se encontravam em seu armário, pegou um deles e pôs-se a ler para as crianças, que atentas prestavam muita atenção a cada palavra e imitação que a professora fazia. Após a leitura, a professora realizou uma interpretação de texto oral com as crianças, passando a seguir a desenhar na lousa elementos e personagens do livro, solicitando assim às crianças que escrevessem seus nomes em seus cadernos.

Terminada a atividade, saí da sala e como a porta de outra sala estava aberta, parei e como já conhecia a professora, solicitei a ela a entrada para ver o

que ela teria sobre literatura em sala, expliquei a ela sobre a pesquisa, e ela prontamente ofereceu ajuda para o que eu precisasse. Na sala, havia uma prateleira, como das bancas de jornal, com várias revistas Recreio, gibis, e livros e em que as crianças buscavam o que queriam e voltavam às suas carteiras. E assim, me despedi e voltei na semana seguinte.

A partir do que foi analisado, das visitas à escola e principalmente das entrevistas realizadas, foi realizada a divisão por categorias de análise para que possam ser melhor visualizadas e entendidas ao longo deste capítulo.

A primeira categoria visa analisar a memória de leitura das professoras, buscando interligar sua vida pessoal com sua formação e entender como sua trajetória de vida as levou e as transformou ao longo dos anos.

A segunda grande categoria foca-se no entendimento das práticas pedagógicas, nas práticas de leitura e na materialidade do suporte de leitura envolvendo assim sua atividade política frente à educação, entendendo-se professor político ou não.

E finalmente a terceira categoria que se refere à seletividade cultural, ou seja, o que estas professoras levam para seus alunos e como isso é trabalhado.

Para tanto foram utilizadas perguntas fixas e quando necessário acrescentado mais questionamentos.

3.1 – Memória de Leitura

Todas as professoras entrevistadas ressaltaram a memória de infância em relação à leitura, relataram experiências de leitura com a família: adultos que liam para elas. Por vezes, viam alguém da família lendo e isto foi considerado relevante. Relatam ainda uma certa seletividade quanto ao que era lido, jornal ou historinhas infantis, e em um dos casos a história em quadrinhos que era levada pelo pai para leitura, mas considerada inútil para a mãe de uma das

entrevistadas, embora fosse o único incentivo de leitura por parte de um adulto daquela família.

“Gosto de ler porque eu gosto, entendeu. Não tive incentivo, por parte de família de comprar livrinho, essas coisas. Meu pai comprava gibi, mas minha mãe não queria que eu lesse gibi, ela achava que era uma perda de tempo, e então, eu aprendi a ler, o que caía na minha mão, já pegava pra ler assim, hoje eu leio de tudo, revista, jornal, gibi, livro infantil, qualquer outro tipo de literatura, mas nada assim, não fico escolhendo, vou dou uma folheada, gosto, eu leio.” (Entrevista, 2012, Professora 4)

A Professora 1 relata que sua história de leitura iniciou com sua família que sempre leu para ela e que acredita apreciar leitura por ter sido inserida neste universo desde cedo. A partir das observações, foi constatado que a professora lê bastante para as crianças e que sempre após a leitura dela, realiza algum tipo de interpretação com seus alunos, oral ou escrita junto com os mesmos.

“Minha vida com a leitura começou desde muito pequena, minha vó lia muito pra nós, minha tia, minha mãe, meu pai, então começou com estorinhas, né. Então desde lá, eu gosto de qualquer tipo de leitura, eu leio até o jornal que vem embrulhado alguma coisa. Então, eu gosto muito de ler e uso isso nas minhas aulas, procuro transmitir pras crianças, né, o gosto pela leitura, lendo de tudo pra eles, poesia, jornal, literatura infantil e conto também histórias né. E então, é assim, minha vida começou muito cedo com a leitura.” (Entrevista, 2012, Professora 1)

A professora 3 realiza leitura em sala com os alunos, no ano da pesquisa estava com um 4º ano, sendo que realizava as leituras, mas também desenvolvia com eles atividades de interpretação, permitindo uma maior interação dos mesmos com a leitura.

“Eu comecei a ler na escola, inicialmente com as histórias infantis, pra as matérias normais, história, geografia e ciências, então você acaba lendo por obrigação. Mais tarde, na adolescência, lia livros de romance, que envolvia assuntos de adolescentes e tudo mais.” (Entrevista, 2012, Professora 2)

Na escola destacam que a leitura de histórias infantis também passou por sua trajetória, além das leituras obrigatórias em que precisavam realizar resumos para serem entregues, o que foi relatado como não sendo uma leitura prazerosa e sim como obrigação.

“Tinha muita leitura, mas era assim, era aquela leitura por obrigação pra você fazer fichinha, né, aquelas fichas, Machado de Assis, José de Alencar, e tinha bastante leitura sim, mas não essa leitura livro, né, que a gente gosta de fazer que é uma leitura livre, pelo gostar mesmo, e é esse tipo de leitura que eu não quero fazer com meus alunos, eu quero que eles gostem por vontade, que eles não tenham aquela leitura obrigatória. [Entrevista, 2012, Professora 1]

Quanto à formação acadêmica, relatam a leitura de literatura específica que afirmam ter dado abertura para entender o processo educativo, porém em sua maioria, afirmam; que só a vivência e a experiência com seus pares possibilitaram o entendimento de seu dia a dia e que sua formação apenas não bastou, sendo necessária a procura outros elementos que as complementem.

“Na faculdade, como eu falei, a leitura foi bem informativa, eu não tinha conhecimento na área de pedagogia, que foi a faculdade que eu fiz, então eu precisei conhecer teoria de conhecimento, teoria de como se dava a aprendizagem da criança, formação de professor, postura de professor. Então, foi bem legal pra mim pra abrir meu horizonte com relação a esse tipo de trabalho. Mas nenhuma leitura ia diretamente ao dia a dia de sala de aula, coisa que a gente só adquiriu através da vivência, na troca de experiência com outras pessoas.” [Entrevista, 2012, Professora 2]

“Ela (faculdade) deu algumas instrumentações, olha vai buscar, vai correr atrás, abra sua cabeça, isso eles fizeram, agora que foram perfeitos, não foram não, mas mandaram correr atrás.” [Entrevista, 2012, Professora 3]

A fala acima é sustentada por Kleiman (2005), “O professor que acha que, no seu curso de formação, aprenderá tudo o que um dia poderá precisar para

inserir seus alunos nas práticas letradas da sociedade é um professor fadado ao desapontamento”. (Kleiman, 51). É mostrada por parte das professoras, que a formação e sua continuidade ao longo de suas carreiras é de suma importância, haja vista, a necessidade de estarem atualizadas para ensinarem seus alunos prepararem suas aulas.

Fontana vem alicerçar o que foi descrito pelas professoras em suas entrevistas. O tornar-se professora, está além da formação, é uma constituição histórica, na qual os indivíduos se apropriam da vivência diária de elementos importantes para a formação docente.

‘O processo em que alguém se torna professor (a) é histórico, ensinamos ela (Magda Soares), (grifo meu), mesmo sem o pretender. Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu “ser profissional”, na adesão a um projeto histórico de escolarização. Somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tornam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que se foi constituindo professor(a), analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais, e então criticar-se (ou não) e rever-se (ou não), aderindo (ou não) a um projeto de escolarização.’ [FONTANA, 2000, p. 48]

Percebe-se que as memórias de leitura das professoras baseiam-se principalmente em elementos de suas infâncias e que amadurecem ao longo dos anos, perpassando sua formação e carreira e alimentando sua profissão, na qual o contato com seus alunos e colegas em um objetivo comum, a construção de conhecimento e as inúmeras possibilidades que a leitura traz, como importante meio de troca de informação e cultura. Nota-se também, a influência da família quanto à leitura, em relação às professoras em que a família leu para ela, parece ter existido uma maior probabilidade em ter se tornado leitora, já no caso da

professoras cujos pais não liam, o gosto da leitura parece ter se desenvolvido por parte dela, e ela acaba repassando aos alunos o mesmo modo de leitura, eles lerem por eles mesmos, assim como a professora que aprendeu a ler na escola.

O ser Professora, constitui-se com o tempo, a partir da apropriação diária do aprender a “ser professor”, construindo e desconstruindo sua prática, revendo os erros e “se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente” [Fontana, 2000].

3.2 - Práticas Pedagógicas

A partir das entrevistas, pode-se perceber uma preocupação na preparação das aulas, e quais os motivos que levariam cada professora levar determinado tipo de leitura às crianças e uma ênfase também em entender determinado assunto a fim de esclarecer para as crianças naquele momento, mas caso não tivessem a resposta, poder procurar e levar ou instigá-las a procurar. O fato de não ficar centrados no livro didático propiciou a entrada dos alunos a participarem das aulas e a levarem seus questionamentos.

[...] O que é importante? Não chegar e pegar, falar assim, ah, hoje eu vou pegar e ler isso aqui... Não, você não pode fazer isso, você tem que ter pré-estabelecido. O que eu vou ler, com que objetivo eu vou ler isso aqui, mesmo assim, às vezes você traça um objetivo e eles entram pra outro e aí, você tem que correr atrás e se virar durante a aula. Né, mas você tem que ter, olha essa semana, eu vou trabalhar, por exemplo, um texto científico, qual o objetivo, ah, eu quero que ele conheça os animais, mas porque que eu quero que ele conheça os animais, como forma de preservação, como forma só de conhecimento [...]. [Entrevista, 2012, Professora 4]

Observa-se que existe por parte das professoras um planejamento das aulas, ou seja, existe um objetivo claro e uma meta a ser alcançada quando é pensado determinado assunto, mas de maneira que dê abertura aos alunos para

explorar os temas e questionar além do que está posto. Além disso, existe uma importante abertura para que o aluno questione e traga suas dúvidas.

“Eu sempre procuro levar tanto pra lousa, quanto ler pros alunos, assuntos que tenham interesse, que sejam do dia a dia deles. Assim, essa semana a gente teve um morte em uma família, então a gente leu bastante coisa sobre a morte. A gente lê bastante sobre discussões, a gente fala sobre conflitos familiares, eu amo muito ler fabulas pra eles, a gente fez um projeto sobre fábulas. E primeiro é assim, antes de ler pra aluno, eu leio primeiro pra mim, antes de preparar aula pra aluno, eu preparo aula pra mim, pra ver se aquela aula é chata ou não, se aquela aula vai ser legal ou não, e eu tento adequar ao máximo possível ao nível deles e achar interessante, porque me preparo antes, né, pra poder sempre ter um conhecimento, pra se eu tiver alguma dúvida, pra eu poder esclarecer pra eles.” [Entrevista, 2012, Professora 2]

Nota-se também, não só pela entrevista, mas também pelas visitas e pelo diário de campo, que as professoras em sua maioria não utilizam livro didático, ou se utilizam, trata-se de uma literatura escolhida previamente e com um intuito claro, ou apenas para seguir uma linearidade, no entanto preferem procurar seus próprios materiais, e conforme o andamento da sala, ir além do que é proposto para aquele ano.

[...] tudo que apareceu eu fui trabalhando, e eu fui trabalhando de acordo com o que eles foram trazendo, e eu não gosto muito de ficar presa a livro, eu não gosto muito de seguir livro didático, porque acho que quando você pega o livro didático, é bom pra você ter a sequência, mas ao mesmo tempo você fica restrita aquilo, e eu não gosto porque acho que você tolhe um pouco a imaginação da criança, porque quando ela vem com um assunto, dá margem pra você trabalhar um monte de coisa, e quando você trabalha só com o livro didático só com aqueles textinhos, pré-definidos, e fica cansativo, fica uma coisa bem quadriculada, eu, eu não gosto disso. Eu gosto de soltar, tanto é que a minha classe, você nunca vai encontrar a classe em silêncio, é a classe mais barulhenta da escola, já taxaram a classe mais barulhenta da escola. Mas a coisa anda. Eu tenho prazer de chegar no fim do ano, e ouvir dos pais, assim, você vai trabalhar com eles no ano que vem? Você trabalha com eles ano que vem? Porque eu gostei do seu jeito de trabalhar, eu achei que

não ia dar certo, me desesperiei, mas eu vi que o negócio deu certo, então, eu acho que é assim, é uma união do gostar do que faz, a responsabilidade em cima daquilo que você tá fazendo, e não subestimar a criança não, não achar assim, ah, porque eles são de uma comunidade, ou porque os pais são analfabetos, ou porque os pais não tão nem aí com a criança, por isso não vai. São essas crianças, que parece que produzem muito mais, porque quando elas percebem que, o quanto estudar vai ser importante na vida delas, isso desperta um interesse muito grande. [Entrevista, 2012, Professora 4]

Um planejamento prévio das aulas propicia uma análise mais elaborada da prática do professor, propiciando a ele visualizar o que pode ser adaptado e melhorado, permitindo saber dar voz ao aluno e auxiliá-lo a entender o material que será utilizado, seja ele livro, revista, livro didático entre outros. Esta ação nos permite visualizar que a prática pedagógica não é um ato jogado simplesmente, mas que requer ser pensado e elaborado, e nos caso de nossas entrevistadas, conta claramente com suas experiências em sala de aula, que permite a elas saber que questionamentos por parte dos alunos podem surgir e o que podem fazer. Além do mais, cabe ao professor, entender sua prática e ser responsável por mediar assuntos que possam gerar interesse por parte dos alunos.

Como visto anteriormente, Kleiman nos fala claramente sobre a necessidade de se realizar uma observação referente aos alunos a fim de se chegue a uma estratégia, ou seja, conhecer a sala para entender o que será interessante dar de base para que os alunos possam também trazer seus conhecimentos. A autora mesmo nos diz, que não se trata apenas de uma atividade didático-pedagógica, mas de uma questão de ordem política, na qual, o professor deve entender a realidade de seu ambiente de trabalho a fim de fornecer meios de desenvolvimento de seus alunos.

3.3 - Práticas de Leitura

Foi percebido que a maioria das professoras mesmo lendo para as crianças preferem que as mesmas façam suas leituras, de modo que elas desenvolvam o hábito de leitura e melhorem sua fluência quanto à língua falada.

Pras crianças, assim, eu gosto mais que eles leiam, do que eu ler pra eles, porque, embora eu seja falante, eu não sou teatral, então eu não consigo, é ler e fazer. Eu sei, que os pequenininhos, assim eles prestam atenção, porque eles querem saber o final, e tal, Mas acho que pra você ler e pra criança, você precisa ser meio teatral, e eu não tenho essa capacidade, e eu gosto quando alguém conta uma história, e eu fico admirada, eu falo nossa, eu gostaria de fazer isso, mas eu até tento, mas eu me sinto ridícula, não consigo fazer, então assim eu leio pras crianças, porque eu tenho que ler, porque é uma obrigação da gente, mas eu gosto mais quando eles aprendem a ler, porque eles leem pra gente e contam pros colegas e é gostoso também, é uma satisfação de você ver eles descobrindo aquilo, acho que é uma satisfação maior do que você ler pra eles e ver eles prestando atenção, acho mais interessante. [Entrevista, 2012, Professora 4]

Em relação às leituras para si, a professora 2 afirma ler para informação e para informar-se acerca de assuntos religiosos, especialmente em assuntos referentes a aconselhamento de criança ou casal.

Hoje em dia leio mais pra informação pessoal. Eu leio revistas especializadas, leio jornal, me informo também a partir da imprensa falada. Sou evangélica, leio muitos livros relacionados a minha área, da minha igreja, envolvidos com a área de aconselhamento, aconselhamento de criança, aconselhamento de casal. [Entrevista, 2012, Professora 2]

Com as crianças, a partir de diário de campo das visitas realizadas, foi percebido que as professoras trabalham de formas diferentes, uma professora lê e faz uma interpretação oral com elas, partindo para os elementos que constam no texto com desenhos e escrita. Para a outra, existe o trabalho com os textos, e interpretação das imagens, partindo não só da leitura de livros, mas também de jornais e revistas.

3.4 - Materialidade do Suporte de Leitura

Foi percebido que as professoras preferem não trabalhar com livro didático, por acreditar que este pode restringir a imaginação e as possibilidades de conhecimento com suas turmas, não permitindo que as mesmas avancem e se tornem mais autônomas. Relatam ainda, diferenças em relação às crianças de seu início de carreira e atualmente, afirmando que não foram as crianças que mudaram e sim o modo de ensinar.

(...) porque você vê muito assim, ah, não vou trabalhar isso com a minha turma, porque é uma turma pobre, não tem acesso a isso, acho que não pode levar pra esse lado, independente de ser leitura ou não, você tem que trabalhar e trabalhar, joga e vê o que vai dar, pra ver o retorno que aquilo vai te dar, e em cima daquilo você vai trabalhar. Mas que é importante, a gente trabalhar com leitura, com as crianças e todo tipo de leitura, eu acho importante eles terem acesso a tudo. Que nem esse meu primeiro ano, eu sai já até um pouco do que eu precisava trabalhar com eles, em junho eles já tinham completado todo o 1º ano, eu já entrei na matéria do 2º e se for ver eu já tô chegando no final do 2º ano com eles, porque eles já fazem texto, eles já fazem frase, eles já saber ler e interpretar um texto, já trabalhamos receita, já trabalhamos não só a receita culinária, já trabalhei outros tipos de receitas com eles, contos, é... tudo que apareceu eu fui trabalhando, e eu fui trabalhando de acordo com o que eles foram trazendo, e eu não gosto muito de ficar presa a livro, eu não gosto muito de seguir livro didático, porque acho que quando você pega o livro didático, é bom pra você ter a sequência, mas ao mesmo tempo você fica restrita àquilo, e eu não gosto porque acho que você tolhe um pouco a imaginação da criança, porque quando ela vem com um assunto, dá margem pra você trabalhar um monte de coisa, e quando você trabalha só com o livro didático só com aqueles textinhos, pré-definidos, e fica cansativo, fica uma coisa bem quadriculada, eu, eu não gosto disso. Eu gosto de soltar, tanto é que a minha classe, você nunca vai encontrar a classe em silêncio, é a classe mais barulhenta da escola, já taxaram a classe mais barulhenta da escola. [Entrevista, 2012, Professora 4]

A professora 4 que se formou na década de 1980 e que retornou a 3 anos à sala de aula, relata que, sente uma mudança considerável deste meio tempo

que passou fora de sala, já que ao voltar notou a diferença das crianças de “20 anos atrás” com as de hoje, segundo ela, não é o fato de as crianças hoje serem mais dinâmicas, pois sempre foram assim, acredita que esta transformação não seja pela presença da tecnologia cada vez mais constante, mas pelo modo de ensinar que se tornou mais dinâmico e menos fechado, em que não se pode fazer diferente e principalmente, em que não é permitido ao aluno imaginar.

Porque quem pegou o magistério há 20 anos atrás, eles tinham uns livros prontos pra gente trabalhar, ele chamava “tijolão”. Ele parecia um tijolo mesmo, grande, num formato de tijolo, grosso, e ele tinha aula dia a dia, então era só você pegar aquela sequência, então, 1º ano tinha o seu, 2º ano tinha o seu, você dava sua sequência, acabou. Os livros também tinham aquela sequência, você não fugia daquilo, é prático pro professor, é ótimo, porque você só dá aquilo, você não precisa preparar aula, pra quem não gosta de trabalhar, é a melhor coisa que tem. Agora, quando eu voltei, eu peguei uma escola completamente diferente, os alunos diferentes, não eram aqueles alunos que aceitavam tudo, eles querem falar, falar, eles querem contar, eles querem imaginar, e eles tem uma imaginação que parece que a gente não tinha, a 10 anos atrás, quando eu trabalhei, parece que as crianças não tinham essa imaginação. Ai a gente fala, é por conta do computador, é por conta da internet, é por conta de televisão, não é. Eu acho que a criança sempre foi assim. É que a forma como era trabalhado antigamente, não deixava o aluno mostrar o conhecimento que ele tinha, embora naquela época, no final né, a gente já tava começando a trabalhar com livrinhos, os livros que tinham na escola, eram livrinhos bons, a gente não tinha aquela obrigatoriedade de contar história, de dar o livrinho de história pra criança ler, então, é assim, levava na biblioteca, quando assim, ai tá chovendo, não dá pra educação física, então, vamos pra biblioteca. Aí, lá, ele ia, ele folheava um livro. Então, isso, acho que nunca estimulou, e essa forma hoje em dia de trabalhar, acho que estimulou muito a leitura das crianças, então, acho que quando o professor é consciente, quando ele estuda, quando ele procura se empenhar naquilo que ele tá fazendo e entender um pouco desse universo, você consegue criar formas de você trabalhar e atingir todos, né. Independente, de, como eu falei, de grau, de nível social, de qualquer coisa. [Entrevista, 2012, Professora 4]

Em sua trajetória, afirmam ter tido problemas em escolas em que trabalharam em relação à biblioteca, nas quais os livros estavam sempre encaixotados e a biblioteca fechada, fazendo com que levassem seu próprio material de leitura para que seus alunos pudessem entrar em contato com a leitura.

Eu já cheguei a ter uma biblioteca ambulante, eu ia pra determinada escola, que não tinha uma biblioteca, todos os livros encaixotados, então eu levava uma biblioteca ambulante, e fiz isso por algum tempo, e olha eu não sei hoje se tá esse mesmo esquema, livros encaixotados, quer dizer... [Entrevista, 2012, Professora 3]

[...] então, eu procuro trabalhar com eles assim, pelo menos uma vez por mês um texto científico, pelo menos uma vez por mês trabalhar com jornal, porque infelizmente as escolas não recebem uma quantidade jornal pra cada criança trabalhar, então vem um, você tira o texto e passa, é interessante pra você ler a notícia, a manchete e tal, mas eu acho que ele tem que pegar, é importante ele pegar, então, eu acho que é uma coisa que falta assim, e ir atrás e buscar, junto às gráficas, uma quantidade x de jornal, de uma matéria que saiu e tal, pra eles manusearem, pra ver que aquilo tem que tomar cuidado com aquele tipo de folha, que aquilo pode ser reciclado, então eu acho assim, que é importante. [...] [Entrevista, 2012, Professora 4]

A materialidade de leitura defronta-se com o material encontrado e utilizado nas escolas principalmente, já que como a professora 3 afirma, houve a necessidade de uma biblioteca ambulante para que ela pudesse levar bons materiais a seus alunos em vários momentos de sua trajetória como professora. Em relação a outros tipos de materiais, encontramos também a questão da pouca quantidade de materiais, como o caso do jornal, que foi percebido todas fazendo seu uso.

Eu trouxe outro dia eles aqui na biblioteca, e eles pegaram um livro de corpo humano, gente, o que eles tem curiosidade, pra saber como eles nasceram, de que forma, sabe, porque eles sabem tudo, que

nós sabíamos antigamente, com o computador aí, tudo assim jogado, pedaços, mas nada abrangente. Então a escola, teria muita coisa ainda pra leitura, entendeu, teria que ser feito dentro de uma biblioteca, também, trazer, porque são tudo pedaços. Nossa, porque você fala, nossas crianças estão sabendo, lidar com botão, só. Nossa, nós estamos atrasados, nossas crianças só mexem com botão gente, O conhecimento está jogado em pedaços, eles estão mais evoluídos que você, no botão, vai pesquisar, vai procurar, nos locais certos. [Entrevista, 2012, Professora 3]

[...] E prefiro ler também no papel, não gosto de ler no note, acho que cansa. [...] [Entrevista, 2012, Professora 4]

[...] eu acho assim, a gente fica preso muitas vezes ao computador, ah, eu vou ler no computador, e eu acho que aquilo restringe muito, não dá margem pra você, porque eu acho assim, o computador você fica tão presa na tela que você não consegue desviar a atenção muitas vezes pra conversar, pra pensar em cima daquilo, e o jornal, não, quando você trabalha o jornal, já não. [...] [Entrevista, 2012, Professora 4]

Refere-se também ao uso do material escrito e impresso preferencialmente. Duas das professoras relataram que não gostam de ler no computador, pois na opinião de uma delas cansa mais e acredita também que quando a criança lê desta forma, tira sua atenção e interage menos com os colegas, dificultando a troca de informações. Já para a outra professora, o conhecimento pela internet vem fragmentado, sendo que o aluno ainda não consegue entender desta forma, não conseguindo compreender o todo.

Kleiman (p.28), afirma que “ Quando se lê com o objetivo didático de selecionar textos e quando se lê com a finalidade única de ficar informado [...] escolhem-se textos diferentes e utilizam-se diferentes estratégias de leitura”. Para tanto a necessidade de se ter objetivos do que se trabalhar em sala, com quais materiais pode-se articular os diversos saberes e principalmente, como trabalhar e o que tirar de conhecimento destes suportes de leitura. As professoras em suas falas, mostram o modo com o qual preferem trabalhar com seus alunos e o

porquê, explicitando uma preferência pelo uso do jornal impresso e sua função no aprendizado de seus alunos.

3.5 Seletividade da Cultura

Há uma seletividade em relação ao material que é apresentado às crianças, em que é dada uma preferência pelo jornal. Em uma das falas, a professora, relata que prefere o jornal devido à maior discussão que este material gera, tanto em relação às imagens quanto em relação aos textos que se apresentam de diferentes formas e que apresentam uma gama de possibilidades para trabalhar com os alunos. A partir de elementos que parecem simples, busca-se uma interpretação e um entendimento, como no caso das imagens.

[...] Acho que desde pequeno eles tem que pegar jornal, manusear, é uma coisa, que eu acho hoje em dia, as pessoas tão perdendo, é o hábito de ler jornal, eu acho que isso é muito importante, não, não só, só... Nem, ler horóscopo, nem que seja pra você começar lendo horóscopo, mas você tá manuseando aquilo e você começa a prestar atenção. Eu tava com o reforço com, o 5º ano e eu cheguei a trazer jornal pra ver a reação dos alunos né, dos quatro alunos, olharam a foto ali, aí eu perguntei, vocês viram, vocês leram a legenda do que se trata? E aí, eu comecei a instigar em cima da foto, do que tava se tratando, aí elas foram ficando curiosas pra saber o que era aquilo, era sobre pessoas que são abandonadas pela família em hospitais, aí elas começaram a traçar opinião em cima daquilo [...] [Entrevista, 2012, Professora 4]

Em relação à seletividade cultural, a prioridade mais percebida foi em relação a artigos científicos, cuja maioria utiliza em suas aulas.

[...] eu gosto de um pouco de tudo, tá, eu gosto de temas como, por exemplo, científicos, eu gosto muito do lado da psicologia, das coisas científicas, gosto muito do lado assim da mitologia, gosto assim muito também de contos, contos assim, eu já li muito, então tô dando assim

uma parada, então tô indo pro lado da mitologia, que eu gosto.
[Entrevista, 2012, Professora 3]

Há também a preferência pela leitura de livros ao filme, pelas inúmeras possibilidades de imaginar, no lugar de algo posto e pronto.

Gosto mais de ler do que, entre um filme e o livro, o mesmo filme, né referente ao livro, eu prefiro a leitura, porque eu acho que a leitura te dá espaço pra imaginar e o filme já vem uma coisa pronta, e eu não sei, acho que é gostoso você imaginar, você cria coisas assim, eu acho bem melhor. [Entrevista, 2012, Professora 4]

Nota-se aqui, uma gama de itens que são trabalhados em sala com as crianças, desde artigos científicos, mitologia, notícias de jornal e pelas visitas e pelo que já foi apresentado durante este trabalho, a leitura de livros infantis e seleção de material didático, não seguindo sua linearidade.

Percebeu-se que o uso que as professoras deram a cada material foram essenciais à estimulação do hábito da leitura, principalmente pela sua motivação em trazer novas formas de apresentar o conteúdo e tirar dali informações importantes e geradoras de dúvidas e questionamentos.

Conclusão

A partir da pesquisa, foram percebidos diversos fatores contribuintes para um ambiente de leitura na qual o professor a partir de suas vivências, troca experiências e partilha conhecimento com outros colegas e com seus alunos, como foi sustentado pelas entrevistas e pela bibliografia apresentada.

As professoras envolvidas nesta pesquisa, refletem sua prática pedagógica a partir de sua abertura para que seus alunos façam seus questionamentos, permitindo um avanço da turma e envolvendo a todos para que exponham sua opinião.

Quanto à materialidade e o suporte de leitura, foi analisado que as professoras se utilizam de diversos materiais de leitura, desde livros, revistas, gibi, jornal entre outros, porém o principal meio de leitura escolhido na maioria dos casos é o jornal, pelas suas inúmeras possibilidades, como a interpretação, análise das imagens, tirinhas, textos mais curtos e mais extensos, permitindo segundo elas o manuseio do material. Para a maioria, o uso do computador para leitura mostra-se não muito interessante, seja pelo cansaço que a leitura no monitor traz, seja pela qualidade das matérias que se encontra fragmentada, não dando visão de totalidade aos alunos. A preferência pessoal também conta quando se fala sobre livro e filme, já que se vê maior imaginação quanto ao livro no qual se pode imaginar, ao contrário do filme que já vem emoldurado e sem possibilidades de imaginar além.

Foi percebido na escola um esforço referente à leitura de diferentes formas, em sala o modo de disponibilização dos materiais para leitura apresentava-se de diferentes formas, seja em grade, seja em caixa de plástico ao fundo da sala, seja em cima de mesa ao fundo da sala. No entanto, esta última possibilidade não permitia a autonomia das crianças como nas outras salas, já que o material ficava empilhado não permitindo seu manuseio pelas crianças.

Em relação ao uso da biblioteca, foi percebido a partir das entrevistas e a partir de diário de campo, uso, mas não constante, já que a biblioteca estava sendo organizada naquele momento, porém era dada a ênfase à leitura em sala com a biblioteca de classe, mas também não saindo deste espaço e explorando outros ambientes da escola para a leitura ou a ligação com a leitura trabalhada.

Retornando à pesquisadora, em quem tudo começou, a presente pesquisa permitiu uma viagem à infância, lembrando vários momentos escolares, que já foram colocados ao longo da pesquisa, pensando na leitura como algo envolvente e marcante, independente da idade na qual nos encontramos. Podemos ler diversos contos ou histórias infantis e ficar a imaginar as personagens, o espaço, os aromas, a temperatura... Como também podemos ler uma notícia de jornal e refletir sobre ela, sua importância e divulgação.

Houve também uma percepção sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo, tomando como ponto de partida a infância da pesquisadora, referente ao modo de ensinar e ao modo de ler, que se tornou muito mais agradável a ambas as partes, tanto ao professor, quanto ao aluno, que possuem muito mais liberdade de expressão e comunicação, chegando a mobilizar em muitos casos a família a interagir neste processo.

Interessante aqui analisar, que independente do material utilizado, a leitura se faz importante método de ensino e que traz importantes pontes para as diversas disciplinas, auxiliando as professoras nesta interdisciplinaridade e tornando agradável este intercâmbio do saber.

Este trabalho é portanto finalizado com inúmeras lições de professoras, que a partir de sua experiência e compromisso com a educação e que mesmo com as dificuldades enfrentadas ao longo de suas carreiras, tem procurado transmitir a seus alunos a vontade de ler e aprender.

Referências Bibliográficas

BROOKS, Geraldine. **As memórias do livro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008

CARMONÁRIO, Elizabeth. **O arquivo escolar como lugar de memória e de história da educação em Campinas: organização do arquivo histórico da EE “Artur Segurado”**. Campinas, 2008.

CHARTIER, Anne-Marie. **Alfabetização e formação dos professores da escola primária**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 8, p. 4-12, maio/ago., 1998

FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HÉBRARD, Jean. “Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural” In ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras/São Paulo: FAPESP. 1999, p. 33-78.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto – Portugal. Porto Editora. 2007.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, V.9, n. 52, p. 15-21, jul./ago., 2003.

Anexos - Questões norteadoras para a entrevista

1- Conte um pouco sobre suas leituras: sua vida com ela, o que gosta de ler.

2- Como você compreende a leitura? De onde vem esse seu entendimento?

3- Faça uma relação entre sua formação e seu trabalho.

PROFESSORA 1

1- Conte um pouco sobre suas leituras: sua vida com ela, o que gosta de ler.

Professora 1: Minha vida com a leitura começou desde muito pequena, minha vó lia muito pra nós, minha tia, minha mãe, meu pai, então começou com estorinhas , né. Então desde lá, eu gosto de qualquer tipo de leitura, eu leio até o jornal que vem embrulhado alguma coisa. Então, eu gosto muito de ler e uso isso nas minhas aulas, procuro transmitir pras crianças, né, o gosto pela leitura, lendo de tudo pra eles, poesia, jornal, literatura infantil e conto também histórias né. E então, é assim, minha vida começou muito cedo com a leitura.

Pesquisadora: E a adolescência como era?

Professora 1: A adolescência, lia os livrinhos, né, de adolescente, até a “Ana Maria”, aquela revistinha, né, “Sabrina”, todos aqueles livrinhos de adolescente eu li. Sempre gostei de ler.

Pesquisadora: E sua mãe, ela lia também?

Professora 1: Ela lia muito, e como eu te falei, meu pai lia muito pra gente e eu acho que vem daí o gosto pela leitura.

Pesquisadora: E na escola como que era?

Professora 1: Tinha muita leitura, mas era assim, era aquela leitura por obrigação pra você fazer fichinha, né, aquelas fichas, Machado de Assis, José de Alencar, e tinha bastante leitura sim, mas não essa leitura livro, e né, que a gente gosta de fazer que é uma leitura livre, pelo gostar mesmo, e é esse tipo de leitura que eu não quero fazer com meus alunos, eu quero que eles gostem por vontade, que eles não tenham aquela leitura obrigatória.

Pesquisadora: Como você compreende a leitura? De onde vem esse seu entendimento?

Professora 1: Na verdade, a leitura, é bem poético né, é um modo de você sair do seu contexto ali diário e viajar, né, viajar pelas palavras, acompanhar com seu imaginário.

PROFESSORA 2

Pesquisadora: Conte um pouco sobre suas leituras: sua vida com ela, o que gosta de ler.

Professora 2: Eu comecei a ler na escola, inicialmente com as histórias infantis, pra as matérias normais, história, geografia e ciências, então você acaba lendo por obrigação. Mais tarde, na adolescência, lia livros de romance, que envolvia assuntos de adolescentes e tudo mais. Quando na faculdade, lia pra me informar, pra ter um conhecimento teórico da minha profissão, que era mais voltado pra minha área. Hoje em dia leio mais pra informação pessoal. Eu leio revistas especializadas, leio jornal, me informo também a partir da imprensa falada. Sou evangélica, leio muitos livros relacionados a minha área, da minha igreja, envolvidos com a área de aconselhamento, aconselhamento de criança, aconselhamento de casal.

Pesquisadora: Como você compreende a leitura? De onde vem esse seu entendimento?

Professora 2: Eu compreendo que eu leio e me considero um pessoa com um bom vocabulário, quando eu tenho algum tipo de dúvida, tento através de dicionários, ler outros comentários de autores também, sobre o que escreveram sobre aquele determinado livro que eu não conheço.

Pesquisadora: Faça uma relação entre sua formação e seu trabalho.

Professora 2: Tá. Na infância, o meu pai lia muito, ele não lia pra mim, eu não lembro dos meus pais lerem nenhum tipo de historinha pra mim, mas eu via meu pai lendo muito jornal, mas eu não lembro do meu pai lendo pra gente.

Meu entendimento vem justamente disso, de justamente procurar informações sobre o que eu tô lendo, sobre o autor, sobre época e sobre o assunto que ele tá tratando.

Pesquisadora: Faça uma relação sobre sua formação e o seu trabalho

Professora 2: Na faculdade, como eu falei, a leitura foi bem informativa, eu não tinha conhecimento na área de pedagogia, que foi a faculdade que eu fiz, então eu precisei conhecer teoria de conhecimento, teoria de como se dava a aprendizagem da criança, formação de professor, postura de professor. Então, foi bem legal pra mim pra abrir meu horizonte com relação a esse tipo de trabalho. Mas nenhuma leitura ia diretamente ao dia a dia de sala de aula, coisa que a gente só adquiriu através da vivência, na troca de experiência com outras pessoas.

Pesquisadora: É uma pergunta minha agora, que surgiu. E as suas leituras agora, referente a sala de aula, como que você planeja, como que você pensa, os livros que você leva pros seus alunos, como que você procura esses livros, a partir de ideias deles, a partir de vontades suas, como que isso surge.

Professora 2: Eu sempre procuro levar tanto pra lousa, quanto ler pros alunos, assuntos que tenham interesse, que sejam do dia a dia deles. Assim,

essa semana a gente teve um morte em uma família, então a gente leu bastante coisa sobre a morte. A gente lê bastante sobre discussões, a gente fala sobre conflitos familiares, eu amo muito ler fabulas pra eles, a gente fez um projeto sobre fábulas. E primeiro é assim, antes de ler pra aluno, eu leio primeiro pra mim, antes de preparar aula pra aluno, eu preparo aula pra mim, pra ver se aquela aula é chata ou não, se aquela aula vai ser legal ou não, e eu tento adequar ao máximo possível ao nível deles e achar interessante, porque me preparo antes, né, pra poder sempre ter um conhecimento, pra se eu tiver alguma dúvida, pra eu poder esclarecer pra eles.

PROFESSORA 3

Pesquisadora: Conte um pouco sobre suas leituras: sua vida com ela, o que gosta de ler.

Professora 3: Olha, eu gosto de um pouco de tudo, tá, eu gosto de temas como, por exemplo, científicos, eu gosto muito do lado da psicologia, das coisas científicas, gosto muito do lado assim da mitologia, gosto assim muito também de contos, contos assim, eu já li muito, então tô dando assim uma parada, então tô indo pro lado da mitologia, que eu gosto. O lado científico, assim, eu acho, são novas invenções, o mundo tá assim acelerado, eu acho que as crianças tem que ter esse conhecimento, entendeu, o que a escola puder trazer de livros científicos, porque cada dia, hoje 50 anos é 5 anos, tá, as nossas crianças estão vivendo um processo de aceleração enorme, e o professor tem que estar consciente disso, ele tem que tá introduzindo isso e tem que ter, e isso aí, de uma certa maneira chama muito a minha atenção principalmente, e eu tenho alunos que gostam muito disso, como eu já tive uma fase da minha vida, que eu gostava muito da Ruth Rocha, e eu tinha alunos que amavam Ruth Rocha, não que eu não goste hoje, só que depende do lugar que você trabalha não tem todos esses aparatos, então, você fica sem chão, porque o livro é um chão. Eu já cheguei a ter uma biblioteca ambulante, eu ia pra determinada escola, que não tinha uma biblioteca,

todos os livros encaixotados, então eu levava uma biblioteca ambulante, e fiz isso por algum tempo, e olha eu não sei hoje se tá esse mesmo esquema, livros encaixotados, quer dizer...

E o professor, muitas vezes não tem o dinheiro nem pra comprar esses livros, e como eu já disse, eu sou apaixonada por artigos científicos, e as revistas que tem assim numa banca, nossa, chama sua atenção, assim bárbara, e dinheiro, e o professor assim como fica, eu comprei, é que não tá aqui na minha bolsa, mas gosto de estar lendo, só que nem sempre o professor pode se dar o luxo de comprar revista, principalmente dessas, é tudo muito bonito você falar, tal, eu procuro, a internet, mas a internet, eu não sei, eu acho que os livros são muito melhores, entendeu...

Pesquisadora: Como você compreende a leitura? De onde vem esse seu entendimento?

Professora 3: E o meu entendimento, que você quer saber, foi através de ter estudado entendeu, eu tenho nível universitário, e eu acho que eu tenho uma abertura maior de cabeça, é isso...

Pesquisadora: Faça uma relação entre sua formação e seu trabalho.

Professora 3: Olha, não vou dizer pra você, que é perfeita não, eu acho que todo dia como eu disse pra você, nós estamos aprendendo. Então, é um crescimento todo dia, olha minha faculdade me deu tudo, não, não deu não, foi o começo de tudo. Ela deu algumas instrumentações, olha vai buscar, vai correr atrás, abra sua cabeça, isso eles fizeram, agora que foram perfeitos, não foram não, mas mandaram correr atrás. outra coisa, hoje a faculdade, tá um pouco longe da realidade que a gente tá vivendo, tá, não sei se eu tô fugindo muito do assunto, entendeu, mas eu acho que tudo é muito bonito, mas a prática é outra, o professor não tem nem condição de comprar livro. E essa biblioteca ambulante minha foi durante muitos anos. Mas é, tô correndo atrás.

Pesquisadora: E você ainda tem essa biblioteca ambulante?

Professora 3: Eu tenho uma parte dela eu ainda tenho, porque durante muito tempo, eu colocava toda essa biblioteca na lousa pra eles escolherem, eles levavam pra casa, era o único contato com os livros que eles tinham. Sabe, é. E você sabe que a criança precisa muito, porque geralmente a criança, a criança pobre então, tem um vocabulário, muito pobre entendeu, você viu e assistiu a uma aula minha hoje e tem muita coisa que a criança precisa, saneamento básico, ciências, tá faltando isso, história, estão omitindo, porque hoje eles estão tendo informações no computador, mas assim jogado... Eu trouxe outro dia eles aqui na biblioteca, e eles pegaram um livro de corpo humano, gente, o que eles tem curiosidade, pra saber como eles nasceram, de que forma, sabe, porque eles sabem tudo, que nós sabíamos antigamente, com o computador aí, tudo assim jogado, pedaços, mas nada abrangente. Então a escola, teria muita coisa ainda pra leitura, entendeu, teria que ser feito dentro de uma biblioteca, também, trazer, porque são tudo pedaços. Nossa, porque você fala, nossas crianças estão sabendo, lidar com botão, só. Nossa, nós estamos atrasados, nossas crianças só mexem com botão gente, O conhecimento está jogado em pedaços, eles estão mais evoluídos que você, no botão, vai pesquisar, vai procurar, nos locais certos. Nossa isso fez parte da minha formação, e faltou, né, faltou, e faltou muito, então a busca do conhecimento é até eu fechar o olho.

PROFESSORA 4

Pesquisadora: Conte um pouco sobre suas leituras: sua vida com ela, o que gosta de ler.

Professora 4: Bom, eu gosto de ler tudo, tudo que cai na minha mão, eu leio, desde bula de remédio, eu leio, eu gosto de ler. Gosto de ler porque eu gosto, entendeu. Não tive incentivo, por parte de família de comprar livrinho, essas coisas. Meu pai comprava gibi, mas minha mãe não queria que eu lesse gibi, ela achava que era uma perda de tempo, e então, eu aprendi a ler, o que caia na minha mão, já pegava pra ler assim, hoje eu leio de tudo, revista, jornal,

gibi, livro infantil, qualquer outro tipo de literatura, mas nada assim, não fico escolhendo, vou dou uma folheada, gosto, eu leio. E prefiro ler também no papel, não gosto de ler no note, acho que cansa. Gosto mais de ler do que, entre um filme e o livro, o mesmo filme, né referente ao livro, eu prefiro a leitura, porque eu acho que a leitura te dá espaço pra imaginar e o filme já vem uma coisa pronta, e eu não sei, acho que é gostoso você imaginar, você cria coisas assim, eu acho bem melhor.

Pesquisadora: Como você compreende a leitura? De onde vem esse seu entendimento?

Professora 4: Como que eu compreendo a leitura, eu acho a leitura assim fascinante, porque assim, porque você aprende, você adquire conhecimento, ortografia, imaginação, tudo você consegue tirar dentro de uma leitura, por menor que seja o texto, por mais simples que seja o texto, eu acho que ele sempre te leva alguma coisa. Quando eu trabalhava com as séries, 3º ano, 2º ano, que hoje seria 3ª série, 2ª série, que hoje 3º ano, 4º ano, eu gostava muito de trabalhar muito o hino nacional, eu acho muito bonito, se você parar e prestar atenção e ler de trás pra frente as frases do hino nacional, elas te mostram direitinho o significado de cada parágrafo, é muito interessante assim e depois que consegue assim entender o hino. Então, é assim era uma coisa que eu gostava muito de ensinar.

Pras crianças, assim, eu gosto mais que eles leiam, do que eu ler pra eles, porque, embora eu seja falante, eu não sou teatral, então eu não consigo, é ler e fazer. Eu sei, que os pequenininhos, assim eles prestam atenção, porque eles querem saber o final, e tal, Mas acho que pra você ler e pra criança, você precisa ser meio teatral, e eu não tenho essa capacidade, e eu gosto quando alguém conta uma história, e eu fico admirada, eu falo nossa, eu gostaria de fazer isso, mas eu até tento, mas eu me sinto ridícula, não consigo fazer, então assim eu leio pras crianças, porque eu tenho que ler, porque é uma obrigação da gente, mas eu gosto mais quando eles aprendem a ler, porque eles leem pra gente e contam pros colegas e é gostoso também, é uma satisfação de você ver eles descobrindo

aquilo, acho que é uma satisfação maior do que você ler pra eles e ver eles prestando atenção, acho mais interessante.

De onde vem esse meu entendimento. Acho que da vida, do dia a dia, do convívio com as crianças, acho que da própria experiência que a gente vai trazendo isso. Uma vez, uma professora, me falou uma coisa, que a gente aprende a dar aula depois de 10 anos que você tá dando aula, Então, assim, antes disso, você vai fazendo, você vai na tentativa e erro, depois é que você começa a entender porque é que você faz aquilo, o quanto aquilo significa, principalmente, quando você fica numa escola um tempo, em que você vê esse grupo avançar, e você vê aquilo que você trabalhou, lá na frente, o resultado, porque às vezes a gente trabalha alguma coisa e você fala, Ai, fiz besteira, não devia ter dado isso e tal. Quando chega lá na frente, ele responde uma coisa pra outro professor, e o professor vem argumentar pra você, “Olha, o fulano, falou que quando estava com você lá no 1º, 2º ano, você ensinou isso”, então é interessante, é gostoso. Então, eu acho, é assim, tudo vai da experiência que a você tem, que as pessoas acham que a gente dá aula, na realidade, a gente não dá aula, a gente aprende muito mais do que dá, por isso que eu comentei com você, que é uma questão, não é só, você assim, “Ah, eu quero, eu gosto”, não, “Você tem vocação?”, mas o que é vocação, acho assim, você gosta do que você faz, tá, mas você aprendeu a gostar, ou você gosta porque você gosta? Porque quando você aprende a gostar, você começa a desanimar, se estressar, tem vontade de desistir, você vê negligenciar, que é o que acontece na maioria das vezes com os professores, agora, não quando você fala, acha eu tenho vocação pra isso, eu gosto disso, você se empenha, independente de salário, independente do grupo que você tá trabalhando, você não começa a restringir, a colocar obstáculos, né, porque você vê muito assim, ah, não vou trabalhar isso com a minha turma, porque é uma turma pobre, não tem acesso a isso, acho que não pode levar pra esse lado, independente de ser leitura ou não, você tem que trabalhar e trabalhar, joga e vê o que vai dar, pra ver o retorno que aquilo vai te dar, e em cima daquilo você vai trabalhar. Mas que é importante, a gente trabalhar com leitura, com as crianças e todo tipo de leitura, eu acho importante eles terem acesso a tudo. Que nem esse meu primeiro ano, eu sai já até um

pouco do que eu precisava trabalhar com eles, em junho eles já tinham completado todo o 1º ano, eu já entrei na matéria do 2º e se for ver eu já tô chegando no final do 2º ano com eles, porque eles já fazem texto, eles já fazem frase, eles já saber ler e interpretar um texto, já trabalhamos receita, já trabalhamos não só a receita culinária, já trabalhei outros tipos de receitas com eles, contos, é... tudo que apareceu eu fui trabalhando, e eu fui trabalhando de acordo com o que eles foram trazendo, e eu não gosto muito de ficar presa a livro, eu não gosto muito de seguir livro didático, porque acho que quando você pega o livro didático, é bom pra você ter a sequência, mas ao mesmo tempo você fica restrita aquilo, e eu não gosto porque acho que você tolhe um pouco a imaginação da criança, porque quando ela vem com um assunto, dá margem pra você trabalhar um monte de coisa, e quando você trabalha só com o livro didático só com aqueles textinhos, pré-definidos, e fica cansativo, fica uma coisa bem quadriculada, eu, eu não gosto disso. Eu gosto de soltar, tanto é que a minha classe, você nunca vai encontrar a classe em silêncio, é a classe mais barulhenta da escola, já taxaram a classe mais barulhenta da escola. Mas a coisa anda. Eu tenho prazer de chegar no fim do ano, e ouvir dos pais, assim, você vai trabalhar com eles no ano que vem? Você trabalha com eles ano que vem? Porque eu gostei do seu jeito de trabalhar, eu achei que não ia dar certo, me desesperei, mas eu vi que o negócio deu certo, então, eu acho que é assim, é uma união do gostar do que faz, a responsabilidade em cima daquilo que você tá fazendo, e não subestimar a criança não, não achar assim, ah, porque eles são de uma comunidade, ou porque os pais são analfabetos, ou porque os pais não tão nem aí com a criança, por isso não vai. São essas crianças, que parece que produzem muito mais, porque quando elas percebem que, o quanto estudar vai ser importante na vida delas, isso desperta um interesse muito grande. E eu tive essa experiência já, esse é o terceiro ano, e a gente percebe isso, ano passado eu tinha um aluno que não sabia ler, não sabia escrever nada. A mãe era a única pessoa na casa que era alfabetizada, o pai analfabeto, então, ele chegava e fazia a lição do que jeito que ele sabia, como ele achava que era. Ele ia dormir, meia-noite, a mãe chegava, acordava o menino, se tivesse alguma, ela corrigia com ele e ele ia dormir. Em 3 meses, esse menino aprendeu a ler, sabe, aí ele foi

ajudando o pai, ensinando. E é assim, a gente vê casos, assim, que deixam você boquiaberta, né. Às vezes, até eu pergunto, onde é que você aprendeu isso, e eles falam, com você! Então, é gostoso, e a gente não tem outra forma de fazer isso se não for com a leitura, eu reaprendi a dar aula assim, tá.

Pesquisadora: Faça uma relação entre sua formação e seu trabalho.

Professora 4: A relação da minha formação com meu trabalho pedagógico é nenhuma. Relação não tem nenhuma. Por quê? Eu me formei, em 82, 83, faz tanto tempo que já eu nem lembro, foi em 83. Trabalhei até 96, eu trabalhei no magistério, depois eu fui pra parte administrativa, trabalhei 13 anos na diretoria de ensino, voltei em 2010, e quando eu voltei tinha mudando tudo. Porque quem pegou o magistério há 20 anos atrás, eles tinham uns livros prontos pra gente trabalhar, ele chamava “tijolão”. Ele parecia um tijolo mesmo, grande, num formato de tijolo, grosso, e ele tinha aula dia a dia, então era só você pegar aquela sequência, então, 1º ano tinha o seu, 2º ano tinha o seu, você dava sua sequência, acabou. Os livros também tinham aquela sequência, você não fugia daquilo, é prático pro professor, é ótimo, porque você só dá aquilo, você não precisa preparar aula, pra quem não gosta de trabalhar, é a melhor coisa que tem. Agora, quando eu voltei, eu peguei uma escola completamente diferente, os alunos diferentes, não eram aqueles alunos que aceitavam tudo, eles querem falar, falar, eles querem contar, eles querem imaginar, e eles tem uma imaginação que parece que a gente não tinha, a 10 anos atrás, quando eu trabalhei, parece que as crianças não tinham essa imaginação. Ai a gente fala, é por conta do computador, é por conta da internet, é por conta de televisão, não é. Eu acho que a criança sempre foi assim. É que a forma como era trabalhado antigamente, não deixava o aluno mostrar o conhecimento que ele tinha, embora naquela época, no final né, a gente já tava começando a trabalhar com livrinhos, os livros que tinham na escola, eram livrinhos bons, a gente não tinha aquela obrigatoriedade de contar história, de dar o livrinho de história pra criança ler, então, é assim, levava na biblioteca, quando assim, ai tá chovendo, não dá pra educação física, então, vamos pra biblioteca. Aí, lá, ele ia, ele folheava um livro. Então, isso, acho que nunca estimulou, e essa forma hoje em dia de trabalhar, acho que estimulou

muito a leitura das crianças, então, acho que quando o professor é consciente, quando ele estuda, quando ele procura se empenhar naquilo que ele tá fazendo e entender um pouco desse universo, você consegue criar formas de você trabalhar e atingir todos, né. Independente, de, como eu falei, de grau, de nível social, de qualquer coisa. Você atinge a criança, porque ela tem o conhecimento dela. E a gente subestima, “Ah, é família pobre, ela não vai conhecer isso”, conhece, e conhece às vezes muito mais do que a gente. Eu tenho um aluno aqui, que segunda-feira, ele pegou um livro e começou a falar pra mim, você conhece a diferença entre o jabuti e a tartaruga, eu falei não, ai ele falou, um tem nadadeira e o outro tem pata, um vive na água e o outro não vive. Falei, onde você aprendeu isso, aí ele, Ah, eu tava lendo no livro aqui, e realmente ele tava com um livrinho. Depois ele falou pra mim assim, você sabe a diferença entre um burro e um cavalo? Eu falei não, um tem o rabo mais comprido do que o outro. E é um aluno, que os pais, é uma família pobre, que mora numa comunidade, numa comunidade pobre, mas é um aluno que tem interesse, ele dá um show, cada vez que ele resolve falar sobre um assunto, e ele, ele vai atrás, ele pesquisa, e o vocabulário dele é um vocabulário muito bom,. Ontem, foi até interessante, que eu falei, matar, e ele falou assim, não, é sacrificar! Então, é assim, você pergunta pra ele, de onde você tirou isso, eu li, mas que livro, ah, aquele que você me deu. Então, às vezes, a gente tá fazendo as coisas, né, e a gente não percebe, exatamente o que a gente tá fazendo, e aí, eu começo chegar a conclusão, e eu volto no que aquela professora falou, é eu acho que a gente precisa de mais de 10 anos pra você aprender a dar aula. Eu acho que por isso, que hoje em dia, as pessoas tem muita dificuldade, não é que mudou o método, mudou a maneira, não, acho que não é isso, acho que mudou a vontade do professor trabalhar um pouco, exige-se mais, você não consegue chegar numa classe hoje em dia, mesmo numa aula de leitura, você não consegue chegar numa classe, sentar e fica, ah, não, eu vou arrumar minhas coisas, você não consegue, porque ele chama você, ah, o que é isso, eu não consigo ler essa palavra, aí você vai e você explica uma palavra e aí, o outro já vem na curiosidade, e quando você vai ler, o outro já leu pra ele e eles já começam a discutir, e você fica lá só de mediador né, na realidade, o professor não ensina, ele fica só de mediador né, ele fica só

analisando aquilo, traçando caminhos, né, e mira pra cá, joga pra lá, e você vê que eles vão traçando os caminhos dele, que você traz uma aula preparada, mas você não consegue dar aquilo, principalmente dependendo do texto que você traz, você traz uma história pra você trabalhar com eles, e fala, ah vou trabalhar sobre isso, e dentro daquilo dá pra você tirar uma série de coisas, você consegue trabalhar “n” assuntos dentro de uma única história, então você trabalha a parte moral, você trabalha uma parte física, a história pela história em si, sem nada, um conhecimento científico, então você vai conseguindo tirar, eu acho muito importante isso pra eles. Acho que desde pequeno eles tem que pegar jornal, manusear, é uma coisa, que eu acho hoje em dia, as pessoas tão perdendo, é o hábito de ler jornal, eu acho que isso é muito importante, não, não só, só... Nem, ler horóscopo, nem que seja pra você começar lendo horóscopo, mas você tá manuseando aquilo e você começa a prestar atenção. Eu tava com o reforço com, o 5º ano e eu cheguei a trazer jornal pra ver a reação dos alunos né, dos quatro alunos, olharam a foto ali, aí eu perguntei, vocês viram, vocês leram a legenda do que se trata? E aí, eu comecei a instigar em cima da foto, do que tava se tratando, aí elas foram ficando curiosas pra saber o que era aquilo, era sobre pessoas que são abandonadas pela família em hospitais, aí elas começaram a traçar opinião em cima daquilo, então, eu acho assim, a gente fica preso muitas vezes ao computador, ah, eu vou ler no computador, e eu acho que aquilo restringe muito, não dá margem pra você, porque eu acho assim, o computador você fica tão presa na tela que você não consegue desviar a atenção muitas vezes pra conversar, pra pensar em cima daquilo, e o jornal, não, quando você trabalha o jornal, já não. É então, quando você vai trabalhar uma bula, por exemplo, você vai trabalhar uma receita, né, aí, você vai trabalhar bula de remédio, você vai trabalhar as doenças, aí, você já começa a tratar, ah, por que a gente pega gripe, porque que não pega, porque um tem, porque o outro não tem. Então, é assim, vai levando, levando, então você vê uma leitura de às vezes, 3, 4 linhas dá margem pra você trabalhar uma série de coisas, e essa experiência, eu tive esses três últimos anos, com as classes que eu peguei, que foi essa quando eu voltei, são dois anos e meio, e eu tive essa experiência, justamente disso, de jogar um assunto, ou às vezes pegar um assunto que eles estão às vezes

conversando, de repente sai um assunto e você conseguir trabalhar em cima daquilo, mas às vezes a gente também depara com certas situações que você tem que ter jogo de cintura, porque não existe isso, que nem, outro dia saiu, saiu a respeito de piriguete, por causa da empreguete da novela, aí, eles já queriam saber o que era piriguete, aí, um deu, deu assim, ele explicou assim sobre o que ele entendia como piriguete, era, era assim, uma explicação infantil, mas assim, correspondeu às expectativas deles, mas, é assim, é o que eles queriam ouvir, entendeu. Todo mundo entendeu. Entendeu, pronto. Morreu o assunto aí, sabe. Então, você corre o risco quando você faz isso também. Outro dia saiu sobre tráfico no 1º ano, ah, meu tio é traficante, ah meu pai, tráfico é quando compra cd pirata, ah, meu pai compra cd pirata, eu também, o que eu gosto, eu já vi que não sei quem tem. Então, é assim, sai, mas e também é assim, é uma coisa que você tem que ter cuidado, porque como o meio que eles vivem é, um meio perigoso, você tem que ter cuidado com aquilo que você fala. Mas na leitura, a gente procura orientar, não só pra ler de forma culta, pra conhecimento, pra tudo. E aí, a gente vai ajeitando essas coisinhas que vão aparecendo, a gente vai através da leitura, a gente vai aí, selecionando. O que é importante? Não chegar e pegar, falar assim, ah, hoje eu vou pegar e ler isso aqui... Não, você não pode fazer isso, você tem que ter pré-estabelecido. O que eu vou ler, com que objetivo eu vou ler isso aqui, mesmo assim, às vezes você traça um objetivo e eles entram pra outro e aí, você tem que correr atrás e se virar durante a aula. Né, mas você tem que ter, olha essa semana, eu vou trabalhar, por exemplo, um texto científico, qual o objetivo, ah, eu quero que ele conheça os animais, mas porque que eu quero que ele conheça os animais, como forma de preservação, como forma só de conhecimento, e aí, você vai, então, eu procuro trabalhar com eles assim, pelo menos uma vez por mês um texto científico, pelo menos uma vez por mês trabalhar com jornal, porque infelizmente as escolas não recebem uma quantidade jornal pra cada criança trabalhar, então vem um, você tira o texto e passa, é interessante pra você ler a notícia, a manchete e tal, mas eu acho que ele tem que pegar, é importante ele pegar, então, eu acho que é uma coisa que falta assim, e ir atrás e buscar, junto às gráficas, uma quantidade x de jornal, de uma matéria que saiu e tal, pra eles manusearem, pra ver que aquilo tem que

tomar cuidado com aquele tipo de folha, que aquilo pode ser reciclado, então eu acho assim, que é importante. Trabalho muita interpretação de texto, trabalhei muita interpretação de texto oral com eles, hoje eu já trabalho muito mais interpretação de texto escrita, a gente começa com desenho, ele vai fazendo interpretação através de desenhos e depois quando ele já aprende mesmo a ler e a formular as frases, aí, você já entra na parte escrita. Mas eu procuro, sempre trabalhar todo dia algum tipo de texto, alguma coisa. A gente traz né, pra eles. E uma coisa que as pessoas, não costumam, os professores às vezes esquecem um pouco, não costuma tentar, é quando você tá trabalhando matemática, você tá trabalhando os problemas, o problemas é um texto, e esses professores não costumam prestar atenção nisso...

Pesquisadora: Muitas vezes, eu digo por mim, eu tive sempre muita dificuldade na matemática, mas pela questão de formular o entendimento da matemática. Eu sempre gostei de ler, mas a matemática... pra mim, sempre foi...

Professora 4: um tabu, uma coisa difícil,

Pesquisadora: Muito difícil...

Professora 4: E eu trabalho com eles, e é assim eu dou o problema, e eu falo pra eles, o que é problema? Ah, problema é uma coisa difícil, Ah, nem sempre eu falo pra eles, às vezes é uma coisa fácil... É alguma coisa que a gente tem que resolver... É uma situação que a gente vai ter que resolver... E coloco um problema na lousa e vamos desenhando, e ele vai, aos poucos ele vai entendendo, que não é conta de mais, vezes, menos e dividir, ele vai entendendo que aquilo ali você tá adicionando, que você tá subtraindo, que você tá dividindo, tá multiplicando... Então, eles sabem, eles tem esses conceitos, né, então, basta você apenas, trabalhar com isso da forma correta, né, que eles vão tá interpretando um texto e vão tá fazendo a matemática... então, tudo é uma interpretação, tudo que você faz, você tá assistindo uma novela, você tá interpretando, né, é que infelizmente as pessoas não tem um, no Brasil hoje principalmente, não tem o hábito de ler, da leitura, e usa as coisas tudo como um passatempo, é sempre como um passatempo, e ela não reflete, e eu conheci um

senhor, que, hoje falecido, hoje ele teria quase cem anos, mas uma pessoa muito culta, e não era uma pessoa que estudou muito, ele era uma pessoa que estudou até o quarto ano, como era comum na época, e ele falava pra mim assim, eu falava, da onde vem tanto conhecimento? Porque ele falava, no livro tal, na página tal, trata sobre tal assunto, aí, ele falava assim, se na primeira vez que você leu um livro, seja qual for, você lê por ler, pra você saber o assunto, a segunda vez, você começa a prestar atenção naquilo que você lê porque você já sabe o final, então você já começa a prestar um pouco mais de atenção, então, você não tem aquela coisa, aquele desespero de chegar no final, na terceira vez que você lê, você começa a refletir sobre aquilo que você leu, aí, você vai ler mais uma quarta, mais uma quinta, porque aí, as coisas, os textos, vão começar a ser divididos pra chamar a atenção. Então, ele falava pra mim assim, e ele tinha uma prateleira enorme, enorme de livros, e ele citava, olha no livro tal, pega lá na página tal, e eu adorava conversar com ele, por causa, disso, e ele falava no livro tal, na página tal tem isso, aí, eu falava, não, isso é memória, não é possível, o sr, tem uma memória boa, e ele ria, não é memória, é que você pensou sobre aquilo, você refletiu, você não usou só como um passatempo, porque se você usasse só como um passatempo, você ia esquecer, e isso marcou pra mim, eu achei interessante, porque, isso é uma coisa que eu procuro passar pros alunos também, leia mais de uma vez, às vezes eles falam, já li esse livro, aí eu digo, já leu mesmo? Ou você só leu a história, não eu li a história, então, lê de novo, então, eles já estão começando a entender que a leitura não é só um passatempo, que pra eles a principio, no comecinho do primeiro ano seria, mas não, é uma coisa que você tem que refletir em cima daquilo, ela tem que trazer algum conhecimento maior pra você e não só, ficar passando o tempo em cima daquilo, mas é isso!